Spin-off da Duologia À Primeira Vista

MANU SOUSA

Duas vezes você



PERIGOSAS NACIONAIS

Duas Vezes Você

Spin-off da Duologia À Primeira Vista

Manu Sousa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Copyright ©2018 Manu Sousa

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução em todo ou parte em quaisquer meios sem autorização prévia escrita da autora.

Capa:

LA DESIGN

Copidesque:

Aretha V Guedes

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Camila Alckimim

PERIGOSAS ACHERON

Sinopse

Na Londres de 1880, um duque falido sonha em se casar com a simples filha de um barão pobre, mesmo que isso não seja o esperado pela sociedade. Diante de decisões implacáveis e de desencontros impensáveis, aquele presente poderá influenciar, e muito, o futuro do apaixonado casal.

Nos dias atuais, um homem e uma mulher que acabam de se conhecer têm a estranha percepção de já ter passado por aquilo antes, e isso faz com que sensações contraditórias e adormecidas sejam evocadas. Quando a lembrança de um passado longínquo desperta em ambos, apenas os melhores sentimentos podem salvar o verdadeiro amor.

Um casal em busca da felicidade. Duas almas desesperadas pela redenção.

Capítulo 1

Acordei com a visão borrada pelo sono. A dor de cabeça martelava incessantemente, como se uma imensa bigorna me atingisse a cada intervalo de cinco segundos. Em meio a tudo, as lembranças da noite anterior não faziam sentido depois da quarta dose de vodca. Nunca fui de ingerir bebidas alcoólicas, mas de uns tempos para cá resolvi fazer coisas que jamais fiz antes. O fato de terminar um namoro antigo, provavelmente, deve ter sido o pontapé para essa minha virada de mesa. Não que daqui para frente eu fosse encher a cara em cada oportunidade que tivesse. Mas começar a viver sem me importar com o que outras pessoas vão pensar deveria ser o primeiro passo.

Lembrei um pouco de ontem. Ainda não conseguia acreditar que Catarina realmente havia conhecido — e noivado! — com o homem que ela tinha sonhado diariamente por anos. Isso era um milagre. Algo inacreditável. Eu não podia estar mais feliz por minha melhor amiga.

A festa tinha sido linda. A maneira de Nicolas olhar para Catarina conseguia fazer até os corações mais duros se arrepiarem. Era tanto amor, tanto carinho, tanto cuidado... Será que algum dia eu teria algo assim? Uma pessoa que me amasse com tanta entrega? Suspirei por conta da decepção. Quem eu acreditava que compartilharia o resto da vida comigo apenas me deixou depois de anos juntos. Tantos meses passaram depois que Diogo terminou nosso relacionamento, e eu ainda me acostumava com a vida sem ele. Um passo difícil, já que tinham sido quase quinze anos de relacionamento. Eu nunca namorei outra pessoa. Nunca. Era praticamente uma virgem nos meus vinte e nove anos.

Olhei para as cortinas brancas que impediam os raios solares de entrarem no meu pequeno quarto. Eu realmente precisava me levantar, mas a cabeça pesava. Demoraria um bom tempo para beber novamente. A festa de noivado de Nicolas e Catarina, pelo pouco que me recordava, foi bem animada. A banda somente tocara as músicas que Catarina mais gostava. Lista feita por Nicolas. Que casal lindo! Almas gêmeas, quem diria que elas

realmente existiam? Eu sabia. Sempre acreditei em vidas passadas e tinha certeza que os sonhos de Catarina eram resquícios de memórias antigas. Recordações que a sua alma solitária tentava trazer à tona para o destino ser cumprido. Eu só podia me sentir feliz pela felicidade dela.

Por outro lado, eu sabia que não era alma gêmea de ninguém, pois nunca senti o que minha amiga sempre me confidenciou: a sensação de que algo faltava. Nunca senti nada parecido. Mesmo assim, romântica como era, imaginava que em algum lugar desse vasto mundo havia alguém para dividir a vida comigo. Uma pessoa que não fugisse de seus compromissos, como meu ridículo ex-namorado.

Diogo... Ele tinha feito a sua escolha. Doeu em mim como nunca imaginei que algo pudesse doer, mas já estava me recuperando. No fundo, eu tinha consciência que aquele namoro não tinha futuro. Talvez, por isso, tentasse com tanto afinco esquecer o passado e focar no futuro, deixando o choque do término para trás.

Encarei meu celular em cima do criado-mudo. Eu

precisava saber ao menos que horas eram, já que a coragem para me levantar estava cada vez pior. Com um esforço quase hercúleo, em virtude da ressaca infernal, estiquei o braço para alcançar o *smartphone*. Os dedos o alcançaram precariamente e tentei trazê-lo até mim. Estava quase conseguindo quando ouvi:

— Para de se mexer, princesa. Venha aqui. — No segundo seguinte, um braço forte caiu sobre meu corpo. O dono do tal braço me puxou para perto e se aninhou nas minhas costas, fazendo uma conchinha.

Eu estava em choque, mas algo me impediu de gritar. Meu coração acelerou e a cabeça rodou tentando juntar os recortes de memória. O que eu tinha feito na festa de Catarina? Fechei os olhos com força e me obriguei a lembrar de tudo o que aconteceu na noite anterior — o que era bem difícil com um homem estranho me abraçando.

Tentei me acalmar e, aos poucos, fui conseguindo agrupar o quebra-cabeças da minha mente. Ontem eu tinha chegado na festa surpresa com a mãe de

Catarina. Nos sentamos na mesa que nos foi oferecida pela recepcionista da comemoração. Pouco depois, Vinícius, o motorista de Nicolas, chegou e sentou-se com a gente. A primeira coisa que pensei quando o vi foi que ele estava um arraso. Começamos uma conversa tão empolgada que só paramos quando a mesa ao nosso lado foi ocupada.

Olhei para o grupo animado e logo notei duas colegas de trabalho de Catarina. A que ela gostava e a que era conhecida como a “cobra Sofia”. No meio das duas estava um homem lindo, mas que me fez ter uma sensação de repulsa. Ele era loiro, tinha os olhos claros e, mesmo sentado, parecia ser alto. O terno completo que ele usava o vestia sob medida, o que me levou imediatamente a taxá-lo de vaidoso. Não era todo mundo que podia comprar algo daquela qualidade. Além disso, o homem tinha um ar de petulância sem igual, com seu cabelo perfeitamente penteado de lado e uma barba impecavelmente aparada. Eu não percebi que o estava encarando, apesar da forte implicância que sentia, até o mauricinho olhar para mim e levantar as sobrancelhas, como se me perguntasse o que

tanto eu olhava. Após alguns instantes, desviei a vista e tentei prestar atenção na conversa que ocorria entre Vinícius e dona Mariana, a mãe de Catarina. Não consegui. Naquele momento, eu só conseguia pensar na sensação de déjà vu que me tomava.

Tinha certeza que já estivera em uma situação muito semelhante. Sentada numa mesa com algumas pessoas, sentindo fixação por alguém que ocupava a mesa vizinha. E algo me dizia que esse alguém era o mesmo que eu sentia o olhar a queimar a minha pele. Mas claro que isso era loucura. Sempre acreditei em vidas passadas. Tanto que alertei Catarina sobre seus sonhos serem memórias delas. Porém, nunca passei por algo semelhante. Certamente, esse déjà vu era produto da minha mente, assim como os cientista tanto já disseram. Aquilo nada tinha a ver com lembranças de outras vidas.

Traguei todas as bebidas disponíveis na mesa e comecei a pedir mais aos garçons. Percebi que dona Mariana achou estranho meu comportamento, embora nada tenha falado. Foi a partir da mistura

de *champagne* e vodca que as coisas começaram a ficar nebulosas. A festa avançou depois do lindo pedido de casamento de Nicolas. Vinicius, cavalheiro que era, foi o primeiro a me chamar para dançar. Ficamos juntos na pista por cerca de quatro músicas. Eu voltaria com ele para a mesa, mas outros convidados também vieram me pedir uma dança. Embalada como estava, aceitei todos os convites. Só parava de me balançar quando minha bebida acabava e eu precisava buscar mais. Meu vizinho de mesa, chegou sem eu perceber, e segurou minha mão. No mesmo instante, afastei a mão, assustada. Tremi a ponto de quase derrubar a taça, que eu segurava com tanto interesse. Entretanto, não saí de perto do estranho.

— Você dançou com várias pessoas. Será que poderia me dar o prazer também?

Não respondi. Não conseguia. Mantinha uma briga interna comigo mesma para não sair correndo. Existia em mim uma mistura de raiva, medo, tristeza e atração. Tantos sentimentos por causa de um estranho...

— Você se sente bem? — ele perguntou. — Talvez esteja cansada. Quer se sentar um pouco?

Seu ar preocupado arrefeceu um pouco as sensações esquisitas. Resolvi que não queria sentar. Então aceitei seu pedido para dançar.

Minha última lembrança da festa era a de ter passado o resto da noite dançando e conversando com o loiro. A bebida alcóolica entorpeceu a má impressão e eu me vi beijando o cara como se estivesse esperando por aquele momento há centenas de anos. Os beijos avançaram tanto que decidimos sair da festa e... Oh meu Deus!

Assim que percebi quem me fazia companhia na cama, vi uma pequena luz acender no celular. Era uma notificação de mensagem, que tentei abrir sem fazer movimentos bruscos. Não queria acordar o meu parceiro e... Será que alguém tinha me visto com ele na festa?

Voltei a tocar no celular e deslizei a tela de proteção, torcendo para não me surpreender com sabe-se lá as mensagens que me esperavam. Logo

vi que tinham cinco mensagens de Catarina. Não entendi o que minha amiga queria me dizer mesmo estando numa quase lua de mel.

“Letícia”

“Letícia”

“Lê!”

“Para quem sempre dizia que não gostava do meu chefe até que mudou rapidinho de opinião, hein? Nunca pensei que você fosse cair logo pelo senhor Gomes. Por favor, não me conte os detalhes. Não quero ter imagens de você com o meu chefe na cabeça! Blergh!”

"OBS.: Aproveite a noite."

Ela estava brincando. Ela só podia estar brincando! O senhor Gomes? Como eu tinha vindo parar aqui com...

— Se você continuar a se mexer assim, princesa, teremos uma nova rodada logo, logo.

Eu não podia continuar com aquilo. O efeito do álcool passara e eu nem poderia colocar a desculpa nele mais uma vez. Além disso, a atração sentida começava a dar lugar, novamente, à repulsa de antes. Um sentimento de que algo não daria certo. De que aquela pessoa não era quem dizia ser. Que ele não era de confiança e me magoaria na primeira oportunidade. Estranhos pensamentos para eu ter, já que o encontro foi de apenas uma noite, sem possibilidades nem pretensões de ser levado adiante. De toda forma, quando senti seu aperto se intensificar — junto com outra coisa —, resolvi que era hora de parar com aquilo.

Com esforço, consegui me desvencilhar de seu braço férreo e deslizar até a ponta da cama, me levantando em seguida. Horrorizada pelo meu estado nu, peguei rapidamente meu robe floral, e o vesti em tempo recorde.

— Ei! Volte para cama, linda!

Princesa, linda... Será que nós ao menos tínhamos nos apresentado?

— Você sabe o meu nome? — perguntei, colocando as mãos na cintura.

O chefe de Catarina — meu Deus, eu dormi com o chefe de Catarina! — deitou-se de lado, deixando o lençol branco cobrir apenas suas partes baixas e fazendo com que seu torso bem definido ficasse à mostra. Ele apoiou sua cabeça na mão e sorriu de forma insinuante.

— É claro, Letícia. Como poderia me esquecer? Passei a noite inteira criando coragem para falar com você. Nem acredito que fizemos mais coisas do que apenas conversar.

Olhei para ele sem acreditar em tudo aquilo. Como eu poderia ter esquecido partes tão importantes da noite passada? Precisava me lembrar!

— Não me diga que você esqueceu? — ele questionou, já perdendo seu ar despreocupado. — Letícia, olha, nós conversamos a noite toda e você me convidou para vir na sua casa. Nós estávamos bem alegres com a bebida, mas só isso. Você se arrependeu? Pelo amor de Deus, não me diga que

você estava mais alegre do que aparentava?

O senhor Gomes — que, segundo Catarina, mal tinha trinta anos —, já se levantava, procurando com desespero por suas roupas jogadas. O branco de sua pele agora dava lugar a um vermelho vivo, efeito quase certo da vergonha que ele não conseguia esconder. Embora eu ainda sentisse aversão por ele (por motivos que eu não compreendia), não podia deixá-lo pensar que eu não sabia o que estava fazendo ontem, já que as cenas da noite começavam a clarear na minha mente.

— Espera! Me dê só alguns minutos... — ele vestiu a cueca de costas para mim. E começou a subir sua calça.

— Não posso ficar aqui com você me olhando desse jeito, como se nunca tivesse me visto na vida. Eu sei que Catarina é sua amiga. Ela tem uma foto de vocês duas na mesa de trabalho. Me aproximei de você ontem porque foi a chance que encontrei de saber mais sobre uma das mulheres mais lindas que eu já tinha conhecido. Te falei isso ontem, mas

parece que você não lembra de nada — falou com evidente chateação em sua voz.

Fiquei surpresa com a declaração. Apesar de eu já o conhecer por nome e de tanto Catarina falar sobre seu chefe, nunca o tinha visto. Ao contrário de mim, no entanto, ele já me conhecia antes. Sentei na ponta da cama, sentindo-me um pouco mais calma, e cerrei os olhos. Precisava me esforçar para recordar do que minha mente teimava em omitir. Recordei do momento em que dançamos na pista e como aceitei abraçá-lo quando começou uma música mais lenta. A memória de suas palavras naquele momento íntimo veio rápida como um relâmpago.

Ele me falou exatamente o que dissera agora. Já havia me visto num retrato que Catarina mantinha em sua mesa e não queria perder a oportunidade de me conhecer.

— Quando te vi ontem, senti como se já te conhecesse e, só depois, lembrei do retrato — ele continuou, mas eu ainda tentava me concentrar nos pedaços de memória que se juntavam sem se

importar em seguir uma sequência lógica de acontecimentos.

Lembrei de nossa dança, de minha risada por causa de uma piada qualquer e de aceitar seu convite para sentarmos, depois de não conseguirmos mais seguir na pista. Já bem acomodados em uma mesa mais afastada, começamos a conversar sobre tudo e mais alguma coisa. Não posso mentir que a briga entre a atração e o sentimento ruim durou por todo aquele primeiro momento, mas nada foi forte o bastante para me afastar daquele lugar, daquele homem.

Ele era um cavalheiro. Coisa que eu nunca tinha conhecido antes. Puxou a cadeira para eu sentar, buscou água para mim quando percebeu a minha sede, e se ofereceu para me trazer para casa, fazendo questão de avisar a dona Mariana.

Quando chegamos na porta do meu prédio, pedi que ele me acompanhasse. Não foi fácil convencê-lo.

— Tenho medo de dizer até o que aconteceu ontem. Medo de você não acreditar em mim e achar

que estou inventando — o loiro continuava falando.

Olhei para ele e tive certeza de que falava a verdade. Eu também me lembrava mais e mais dos acontecimentos da noite anterior. Recordei de ele aceitando meu convite para subir e das nossas risadas no meu sofá preto. Tomamos um vinho e conversamos sobre nossas vidas. Ele me contou que não tinha um relacionamento sério há um bom tempo. Eu relatei a minha decepção com Diogo, deixando claro que tudo havia ficado para trás. E, pela primeira vez, acreditei naquilo. Tudo realmente ficara para trás. Enterrado a sete palmos no passado. Depois disso, beijei-o com desenfreio. Quando toquei seus lábios, senti uma euforia que nunca tinha experimentado com Diogo. Isso me assustou num primeiro momento, mas logo foi esquecido quando...

— Samuel...

— Sim, Letícia.

— Lembrei de tudo — falei ao mesmo tempo que senti uma queimação na minha pele. Eu estava

enrubescendo com as lembranças do que fizemos. Samuel, o chefe de Catarina, tinha sido o segundo homem na minha vida.

— Fico feliz — ele falou num suspiro. — A última coisa que queria era você esquecer essa noite. Foi a melhor noite que já vivi.

Sorri, timidamente. Ele era tão lindo e educado. Então, por que eu sentia que havia algo de errado?

Samuel, ou senhor Gomes, terminou de se vestir e veio para perto de mim, dando-me um beijo singelo nos cabelos.

— Tenho que ir, mas quero me encontrar com você depois. Por favor, não se recuse a me dar uma chance, Letícia. Sinto que nós podemos dar muito certo... Posso estar sendo apressado, mas tenho certeza que nós seríamos incríveis juntos.

Ele me deu seu cartão pessoal, contendo seus números e endereços, e saiu pela porta, sem esperar por mim. Fiquei brigando com o meu inconsciente contra a vontade de segui-lo. Infelizmente, ganhou a parte que me impedia de correr até ele e me

despedir como queria. Nem meu número de telefone dei a Samuel.

Capítulo 2

Uma semana depois do meu momento de sexo sem compromisso, percebi que não conseguia mais dormir uma noite inteira sem ter pesadelos. Eu não me lembrava de nenhum deles ao acordar, mas a sensação de desconforto era sentida assim que minha consciência retornava. Sabia que não tivera um sonho bom. Acordava coberta de suor, com as mãos trementes e o coração acelerado. Despertava assustada. Cheia de sentimentos angustiantes. E sempre com o pensamento em Samuel.

Tentando levar a vida de uma maneira tranquila ao menos durante o dia, mesmo tendo noites que preferia esquecer, obrigava-me a não pensar no "senhor Gomes". O cartão que ele havia me dado estava escondido em um vaso branco na sala. Somente em lembrar daquela noite com ele, eu sentia um misto de felicidade, angústia e medo. Parecia que a qualquer momento eu daria o braço a torcer e ligaria para ele. Por isso escondi o lembrete com os telefones de Samuel.

Minha melhor amiga tinha ido para uma viagem junto ao seu noivo. Um roteiro de trinta dias fora montado numa aventura que abraçaria várias cidades do nosso próprio país. Eles iriam de carro, parando entre um destino e outro, a fim de ficarem ainda mais próximos (como se isso fosse possível!). Ambos ainda não estavam preparados para uma viagem pelo mundo. Suas vidas anteriores na Itália, Escócia e Paraguai eram lembranças recentes demais, e nenhum dos dois se sentia preparado para encarar outras culturas. Catarina me confidenciou que tinha medo de se deparar com recordações de outras vidas, mesmo que isso pudesse acontecer em qualquer parte do universo. De toda forma, eu a compreendia. Sempre acreditei que os sonhos de minha amiga eram resquícios de vidas passadas. Ela nunca me escutou, embora eu sempre insistisse. A espiritualidade me acompanhou por tantos anos por meio de estudos, mas nunca acreditei que esse tipo de fenômeno pudesse acontecer comigo.

Os pesadelos recentes nas minhas noites, só me faziam pensar que eram decorrentes do momento difícil pelo qual eu passava. Meu trabalho não me satisfazia como antes, acabara um namoro de quase

quinze anos (embora acreditasse que isso já estava quase superado) e ainda tivera uma noite de sexo com um estranho, um desconhecido. Tantas atribulações me faziam crer que os sonhos ruins eram apenas sintomas do que eu passava. Nada mais. Somente distúrbios de uma mente cansada. Pensei assim até chegar na noite em que acordei com impressões mais fortes.

Naquele dia, havia adormecido lendo um romance de época da Judith McNaught e pensando sobre como as coisas mudam com o tempo. Apesar de achar lindo esses tipos de romances, ao contrário de muitas das leitoras adoradoras deles, eu não conseguia pensar que a Inglaterra dos duques e condes era algo bom. Meu peito doía ao pensar na fragilidade da vida das mulheres, pois eu sabia que a vida naqueles tempos não era cor de rosa como os romances alardeavam. A obra de Judith que eu lia era sobre um duque. Um homem arrogante e mimado, até violento, que ficava obcecado por uma mocinha atrevida e, também, mimada. A leitura me encantava, embora eu discordasse de várias passagens do livro. Ao fim, entretanto, a sensação de que aquela época não era um conto de fadas, me

fazia desgostar da história, mesmo quando eu tinha tudo para adorar.

Como redatora de um pequeno jornal, passava o dia com a mente em materiais publicitários, e isso não me animava mais. Eu amava a minha profissão, porém, a cada dia as dúvidas a respeito da função que eu exercia me fazia questionar sobre o futuro. Além disso, a semana tornava-se pior a cada dia por outros motivos. As lembranças da noite de amor com Samuel fervilhavam em minha mente, fazendo-me desejar vê-lo. Duas forças brigavam em mim. Uma queria aproximação. Outra desejava distanciamento.

Durante a minha rotina no trabalho, até que eu conseguia esquecer um pouco os cabelos claros, olhos esverdeados e corpo másculo de Samuel. Mas assim que meus pés alcançavam a calçada do jornal, a mente borbulhava de cenas, de sentidos e de saudade. O chefe de Catarina fazia com que sentimentos controversos se apossassem de minha alma. Como alguém que eu mal conhecia podia me fazer sentir dessa forma? Eu tinha medo dele. Eu tinha desespero para tê-lo. Ficaria louca com

tamanha incerteza.

Caminhando em direção ao metrô, pensava em como poderia ter sensações tão fortes por alguém que acabara de conhecer. Nem com meu ex-namorado, o único relacionamento que eu já tivera, senti tantas angústias... nem tanto carinho. Pensei, por um momento, em fazer o que tinha aconselhado à Catarina tempos atrás: procurar ajuda espiritual. Entretanto, esqueci a ideia. Não deveria levar tudo o que se passava comigo para os assuntos espiritualistas. Não era certo. Eu não tinha sonhos iguais os de Catarina, onde ela lembrava de um amor, mesmo sem ver seu rosto. Samuel era real, de carne e osso, e eu também. Era mais fácil eu estar passando por um momento de confusão. Apenas isso.

Ainda com a cabeça buscando por explicações plausíveis para o momento que atravessava, mal percebi que uma mulher, encostada à uma parede, me chamava em voz alta. Ela não chamava pelo meu nome e por isso não olhei de imediato, apesar de desconfiar que era comigo.

— Moça... Moça!

Quando não olhei, ela resolveu gritar por um nome. O nome não era meu, mesmo assim me fez parar de repente.

— Amelia! — gritou.

Meu coração pulsava de forma descompassada. Eu ouvia os batimentos tão claramente que acreditei estar com taquicardia. Lentamente, virei para trás. A mulher, uma senhora de meia idade, com longos cabelos negros e vestida de maneira simples, mas composta — saia longa estampada e blusa branca —, caminhou até mim.

Seus olhos se fixaram nos meus e pareciam penetrar a minha alma, invadindo o que eu guardava no mais íntimo do meu ser. Não desviei o olhar. E foi com grande dificuldade que consegui balbuciar:

— Meu nome não é Amelia. A senhora está me confundindo com alguém.

Ela balançou a cabeça negando. Eu não sabia se a

negativa era para ela mesma ou para mim.

— Pode não ser atualmente, mas já foi um dia.

Estática pela veemência com a qual aquela mulher se dirigia a mim, contive a vontade de me virar e embora. Eu poderia fingir não saber sobre o quê ela falava. Mas eu sabia. No fundo, mesmo tentando me enganar, eu sempre soube.

— Amelia, não deixe sentimentos incertos ditarem a tua vida. Lembranças podem ser repletas de lacunas. O sofrimento nos leva a fazer coisas que podem ser piores para nós.

— Quem é você? — questionei.

Porém, ela me ignorou, e continuou a sua mensagem enigmática.

— Tente não julgar. Sua vida foi tão difícil. William te machucou, sim. Mas toda história possui dois lados. Desejo felicidade nessa vida — disse, por fim, estendendo uma mão e me entregando uma flor branca, tirada da sua bolsa à tiracolo.

— Não tenha medo de mim. Às vezes o outro lado se comunica comigo por meio de sonhos. Eles são as melhores formas de comunicação. Eu vi uma história tão linda. Quis ajudar. Fica bem, e se dê uma oportunidade para ser feliz. Agora preciso terminar a minha missão. Adeus, Letícia.

Antes de fazer qualquer comentário, frente à surpresa ainda mais pungente por aquela mulher saber meu nome, ela saiu em passos rápidos e desapareceu na esquina próxima. Eu fiquei ainda congelada por um bom tempo, segurando a flor que, não me pergunte como, eu já sabia ser um cravo.

O caminho percorrido até meu pequeno apartamento foi feito quase que mecanicamente. As palavras da estranha mulher martelavam na minha cabeça e eu não conseguia entender como tudo parecia real. Eu fugira com tenacidade dos meus sentimentos. Da possibilidade de estar lidando com o desconhecido, assim como eu soube desde o começo que Catarina lidava com seus sonhos. Eu não me sentia incompleta. Eu não tinha uma alma gêmea. Então por que a sensação intensa com

relação a Samuel? Não queria pensar em algo mais profundo. Não podia ser uma história de vidas passadas, como era a da minha melhor amiga. O fato de eu, uma pessoa completamente alheia a flores, saber que a mulher havia me dado um cravo, já mostrava que algo fora do real estava acontecendo.

Em meu lar, tomei um banho quente e preparei um chá calmante para me ajudar na difícil tarefa de descansar a mente agitada. Quando pensei que tudo poderia se resolver apenas com uma boa noite de sono, recebi uma ligação que não pude ignorar.

— Por que você não ligou para o sr. Gomes?

A pergunta de Catarina voltou em mim o estado de atenção que sentia antes de beber o chá. Pensei em não responder. Fingir que não sabia sobre o que ela falava. Resolvi, por fim, mudar de assunto, mesmo sabendo que ela não se daria por vencida.

— Pensei que Nicolas fosse te manter ocupada durante toda a viagem. As coisas não estão boas?”

Ela suspirou de forma dramática e respondeu:

— Fugindo da minha pergunta, não é? Mas responderei a sua: Aqui está tudo uma maravilha. Nicolas é meu amor e só em ter ele ao meu lado já é a felicidade plena. Agora, por favor, responda o que perguntei. Meu chefe não me deixa em paz em minhas férias!

Samuel não deixava Catarina em paz nas férias?

— Isso é assédio! — respondi. — Seu chefe não deveria te importunar em plena viagem. Mande ele catar coquinhos!

— Letícia, eu não vou mandar o senhor Gomes catar coquinhos. Primeiro porque ele é meu chefe. Segundo porque ele está preocupado com você e não tem coragem de te ligar. E terceiro porque eu sei que está havendo algo estranho.

Fechei os olhos e agradeci por Catarina não está aqui para me ver daquela forma. Com certeza, ela se preocuparia bastante. Dando um tom de indiferença na voz, respondi:

— Eu apenas não liguei no dia seguinte. Só isso.

Esses homens têm um ego muito elevado. Ele deve estar indignado por eu o ter ignorado.

Catarina passou alguns segundos em silêncio, mas, logo depois, respondeu.

— Lê, eu não sei o que está acontecendo ou o que aconteceu entre você e o senhor Gomes. Só quero que saiba que eu não acharia ruim caso houvesse um envolvimento mais sério entre vocês. Esqueça todas as vezes que reclamei sobre o meu chefe. Só o conheço no ambiente de trabalho e isso não é a melhor forma de realmente conhecer alguém. Então, minha amiga querida, se você não entra em contato com ele por causa de mim, repense a sua decisão. Se ele te faz feliz, se dê uma chance. Você precisa dar um novo passo. Talvez o senhor Gomes seja essa nova oportunidade. Daqui a quinze dias voltarei e espero te encontrar feliz com qualquer decisão que tenha tomado. Caso queira conversar, não pense duas vezes em me ligar. Te amo, Lê. Até logo.

A única coisa que consegui dizer foi um “eu te amo também”. Uma nova chance na minha vida com

alguém que me fazia sentir atração e repulsa... Como eu poderia entrar num relacionamento assim?

Determinada a ter uma noite tranquila de sono, coloquei o cravo num copo com água — tentando ao máximo mantê-lo vivo por mais algum tempo —, e deitei na cama, fechando logo os olhos. Entretanto, esqueci de desligar o celular e fui pega de surpresa pelo som do aviso de mensagem. Imaginei que Catarina tivesse esquecido de dizer algo, mas quando peguei o aparelho do criado mudo me surpreendi com as palavras:

“Sei que não deseja falar comigo. Mesmo assim, não consegui mais resistir. Precisava te mandar uma mensagem. Dizer o que se passa comigo. Nunca me senti assim por alguém, Letícia. Nunca mesmo. Eu realmente gostaria que você me desse uma chance. Eu agarraria a oportunidade com toda força que tenho. Bem, era só isso. Boa noite.”

Pensei em responder a Samuel. Digitei por várias vezes e apaguei todas. Não tinha o que dizer. Eu não sabia o que dizer.

Respirando fundo, desliguei o celular. Deitada de lado, observei a beleza e a paz do cravo solitário. Aquela flor tinha uma aura de amor e bem-estar. Talvez, eu só estivesse impressionada, mesmo que algo me gritasse que não. Aquele cravo realmente tinha um significado bem maior do que eu poderia mensurar.

Adormeci olhando para a brancura da flor e pensando em Samuel. Essa combinação inusitada e, aparentemente, sem relação, me levou a um sonho que se tornou a maior experiência da minha vida atual.

Capítulo 3

LONDRES 1880

Eu estava em um imenso salão de festas. Olhava para tudo com admiração não disfarçada, pois nunca vira tanta riqueza reunida. O salão era como um extenso e largo corredor. Possuía pequenas mesas redondas em ambos os lados, adornadas com jarros desenhados em tons de azul e dourado, e preenchidos com rosas brancas que pareciam recém colhidas. O teto, alto e arredondado, era composto por variadas pinturas coloridas, o que me fazia parar, muitas vezes, para olhá-lo detidamente. A condessa de Surrey, parente distante da minha mãe, chamava-me a atenção todas as vezes que eu parava em algum lugar e começava a olhar para cima, admirada com as pinturas elegantes.

Além do espaço físico, eu também estava encantada com os homens e as mulheres que participavam daquela noite. Vestiam-se com rígida elegância e sorriam polidamente. As mulheres, com

seus leques de todas as cores, escondiam metade do rosto, numa tentativa de demonstrar certa sensualidade. Eu tentava imitá-las. Infelizmente, não fazia um trabalho muito bom. Aquela era a primeira vez que participava de um baile tão grande.

Meu vestido e penteado eram bem simples se comparados com os das outras mulheres. Mesmo assim, sentia-me tão feliz que não conseguia me importar com detalhes pequenos como esses.

— Amelia, está me ouvindo?

— Perdão, senhora. Pode repetir? Eu estava deveras encantada com o salão. Nunca estive em nenhum lugar semelhante — falei com sinceridade.

A condessa de Surrey — ou lady Robinson, como eu a chamava em privado — não tinha qualquer obrigação comigo, e fazia tudo apenas pela amizade de infância que mantinha com mamãe. Meu pai possuía um simples baronato. Nossa família era considerada pobre, sem recursos e boa linhagem, o que não me permitiria ter o casamento

dos sonhos de minha mãe. Apesar disso, tive uma educação digna das maiores ladies, com uma preceptora atenta e rígida. Somente por isso, mamãe conseguiu que sua melhor amiga, uma condessa, aceitasse ser aquela que me apresentasse à sociedade londrina. Algo bem acima do que eu era acostumada. No pequeno condado de Rutland, de onde eu viera, haviam apenas reuniões campestres e bailes locais. Nada grandioso como aquilo.

— Amelia Edwards, preste atenção, por favor. Essa expressão de deslumbramento não ajudará a sua causa. Lembre-se do que conversamos. Pareça sempre acima de tudo. Seu olhar deve demonstrar timidez e delicadeza. Com esse ar de admiração você deixa claro a sua origem camponesa.

Olhei para baixo, envergonhada. A condessa não era má pessoa, todavia tinha uma forma muito direta de falar, o que lhe conferia certa rispidez. Ainda com a cabeça baixa, senti um leve toque do leque da minha *chaperone*.

— Levante a cabeça, menina. Nem para cima,

muito menos para baixo. Mantenha-se olhando para frente. Sempre. Você não possui a beleza da moda, cabelos loiros e olhos claros, mas ainda assim é muito bonita. Tenho certeza que encontraremos um excelente partido.

Como eu dissera, a condessa não era má. Olhei para o meu vestido em tom de rosa pálido que ela me presenteara (não era de bom tom as moças solteiras usarem cores mais vibrantes nem muitos adornos) e, por um instante, toquei suavemente nos meus cabelos pretos que desciam em cachos grossos e volumosos. Eu tinha dezoito anos, e já estava atrasada para a minha apresentação em sociedade. Certamente não teria uma segunda chance, um segundo ano. Cada temporada de festas na corte londrina exigia recursos que minha família não dispunha. E eu com certeza não gostaria de passar mais um ano na caridade da condessa. Aquela era a minha única oportunidade para fazer um casamento adequado e, consequentemente, angariar a felicidade dos meus pais, que passavam por sérios problemas financeiros com o avanço da indústria.

Mais calma e confiante, sorri para a condessa e fiz

exatamente o que ela ordenou: olhei para frente e segui com graça e delicadeza.

∞○∞○∞

A noite corria com inúmeras apresentações. Conheci tantas pessoas que seria impossível decorar todos os seus nomes, sobrenomes e títulos. A cabeça rodava com a diversidade de informações que era obrigada a reter. O baile em si ainda não tinha começado. Isso, no entanto, não impedia de ter minha caderneta de danças quase todo preenchida. A maioria dos cavalheiros eram senhores de idade, mas tinha um ou outro jovem. A notícia sobre as minhas origens já havia se espalhado pelo salão e nem o fato de ser apadrinhada por um conde e sua esposa fazia alguma diferença. A aristocracia, com toda a sua empáfia, ainda era bastante apegada à continuidade de linhagem nobre. E o arranjo matrimonial com a filha de um mero barão rural não seria adequado para isso.

Quando as danças começaram — minuetos e

algumas valsas — não me importei com os pares um tanto quanto mais velhos. Na verdade, estava me divertindo e aproveitando o momento. Quando o meu último par me levou de volta para o lado da condessa, resolvi aceitar o conselho dela para sentar e tomar um refresco. O ambiente estava abafado e eu me sentia aquecida por causa das danças que aceitei sem restrições.

Procuramos uma mesa afastada e nos acomodamos. O conde, marido de lady Robinson, tinha desaparecido pelos salões dedicados aos charutos e conhaques assim que chegamos, deixando-nos sozinhas. A condessa não parecia incomodada.

— Então, menina, está gostando do seu primeiro baile?

Tomei um gole pequeno da limonada e respondi:

— Muito, minha senhora. Não tenho palavras para agradecer a sua bondade.

Lady Robinson fez um gesto de desdém com o seu leque, melhor forma de uma mulher se expressar, e continuou a conversa.

— Infelizmente, não vi muitos jovens pedindo para terem seus nomes anotados na sua caderneta.

Balancei a cabeça concordando. As jovens senhoritas sabiam que o importante era fazer um bom casamento, independentemente da idade do pretendente. Porém, também era cediço que se o tal pretendente fosse um homem jovem e, quem sabe, bonito, tudo seria muito melhor. Eu não tinha grandes perspectivas. No final, apenas queria um marido bom, que pudesse me manter e ajudar a minha família.

— Não tem importância, minha senhora. Ficarei feliz se conseguir um casamento bom.

— Sim... Certo. Que pragmática você é.

Apenas sorri com o tom sarcástico de minha acompanhante, recordando que sua única filha se casara com um marquês jovem e bonito há uns cinco anos. As pessoas diziam que tinha sido por amor. Algo quase impossível naqueles tempos.

Estávamos sentadas e conversando por algum

tempo quando comecei a ter uma sensação estranha. Como se alguém estivesse me observando. Procurei ao redor e nada vi. Abri o leque e comecei a abanar-me, sem fazer alarde. Utilizando esse subterfúgio, escondi a metade do meu rosto no leque e, mais uma vez, passei a observar o meu redor em busca do dono daquele olhar invisível. Não demorou muito para eu encarar, numa mesa próxima, o homem mais belo que eu já tinha visto.

Ele estava rodeado por outros cavalheiros, não tão bonitos quanto ele, e mantinha seu olhar fixo em mim. Seus cabelos castanhos e seus olhos azuis, ante uma pele menos pálida do que o costume, dava um contraste hipnotizante. Sem perceber, vi-me encarando o senhor, que me brindou com um sorriso enviesado, fazendo com que eu percebesse a minha falta de decoro e desviasse o olhar. Tentei manter a concentração na conversa com a condessa que, de vez em quando, parava com o intuito de atender a algum dos seus conhecidos. Quando isso acontecia, eu fixava a atenção no lado contrário de onde se encontrava o cavalheiro. Não podia ficar a observá-lo como se eu fosse uma jovem sem

educação. O que ele pensaria de mim? Sequer o conhecia para, ao menos, trocar olhares com ele. Determinada a não ter um comportamento inadequado no meu primeiro baile londrino, decidi que precisava me concentrar na condessa e em mais ninguém.

— Vamos voltar ao salão de baile, Amelia? As danças estão prestes a recomeçar e você precisa atender aos pedidos da sua caderneta — disse a minha *chaperone*.

Assenti e, com muita dificuldade, devido ao vestido volumoso e ao espartilho apertado, levantei da confortável cadeira. Já começávamos a caminhar quando fomos abordados pela anfitriã do baile, a marquesa de Devon.

Assim que a vi, fiz a minha melhor reverência diante da sua figura de poder.

— Vossa excelência, prazer em conhecê-la — falei, baixando a cabeça em sinal de respeito.

— Vamos, minha querida, pode levantar essa sua linda cabeça. Tenho alguém que deseja conhecê-la.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obviamente, a marquesa sabia quem eu era. Pelo que lady Robinson falava, ela conhecia todos e sabia tudo o que acontecia em Londres.

Ainda demorei alguns preciosos segundos para atender a ordem da marquesa, pois sabia que estava prestes a conhecer alguém importante. A anfitriã, marquesa de Devon, não viria pessoalmente apresentar uma pessoa qualquer a uma simples donzela.

Quando levantei a cabeça...

— Minha jovem, quero apresentá-la ao melhor amigo do meu primogênito, o Duque de Wes.

O duque de Wes... O homem mais belo que eu já tinha visto na minha vida era simplesmente um duque. Na escala de importância da nobreza, aquele cavalheiro que me olhara com tanta determinação, somente estava abaixo de um príncipe.

Recuperando-me um pouco do susto, fiz outra reverência, tão perfeita quanto a anterior, e sussurrei de cabeça baixa:

PERIGOSAS ACHERON

— Prazer em conhecê-lo, Vossa Graça.

O duque nada falou, mas quando voltei a minha posição normal, ele fez uma mesura discreta, mantendo o mesmo sorriso que me dera antes.

— Acredito que o prazer é todo meu, senhorita...

— Edwards — Lady Robinson falou. — Amelia Edwards, Vossa Graça.

— Amelia... — repetiu, devagar, como se saboreasse as letras do meu nome. — Bonito nome.

Com o rosto em chamas, devido a vergonha que sentia, sussurrei:

— Obrigada... Vossa Graça.

Ficamos em silêncio por algum tempo até a condessa e a marquesa começarem a conversar entre si. Aproveitando-se disso, o duque, sorrateiramente, chegou mais perto de mim e começou um diálogo.

— Posso ver a caderneta da senhorita? Preciso

saber se ainda sobrou alguma dança para mim. Ficarei infeliz se eu tiver demorado demais.

Com as mãos trementes, entreguei o pequeno caderno para ele, sabendo que logo no meu primeiro baile dançaria com um duque.

Ele folheou as poucas páginas e escreveu algo, provavelmente seu nome, entregando-me em seguida.

— Quase todo preenchido. Restavam ainda um minueto e uma valsa. Coloquei meu nome na valsa, evidentemente. Nunca deixaria a oportunidade de ter a senhorita um pouco mais perto de mim.

Meu coração acelerou com palavras tão diretas. Aquela era a primeira vez que um homem se dirigia a mim deixando suas intenções claras. Com um flerte descarado.

— William, preciso fazer outras apresentações. Lembre-se do principal motivo que o trouxe neste salão hoje.

Ele virou-se para mim e para condessa, e voltou a

fazer uma leve mesura.

— Senhora condessa, senhorita Edwards, voltaremos a nos ver quando vier buscá-la para pista de dança.

— Vossa Graça — dissemos em uníssono.

Assim que eles saíram, lady Robinson olhou para mim com uma certa piedade em seu rosto.

— Não se deixe deslumbrar por aquele rosto bonito, Amelia. É sabido por toda sociedade que o duque de Wes não está com suas finanças em bom estado. Seu pai faleceu há cerca de um ano e deixou uma pilha de débitos quase impossíveis de serem quitados se o filho não fizer um excelente casamento. E quando falo casamento, quero dizer que ele precisa de uma herdeira aristocrata muito rica, ou de uma filha de um emergente.

— Não pensei em me casar com um duque, senhora. Sei que não estou à sua altura.

A Lady deu uma suave batidinha no meu braço com o seu leque.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você, minha cara, é tão pragmática... Sei que isso é difícil para as jovens. Pode não parecer, mas já passei por tudo isso. Se vivêssemos em outra década, o duque poderia até não ser tão distante para ti, mesmo com linhagens díspares. Infelizmente os tempos são outros. A Aristocracia mal consegue se manter diante do avanço das indústrias. Precisamos nos ater ao que é possível.

Balancei a cabeça, concordando com suas palavras, pois sabia que apesar de duras eram verdadeiras. De forma instintiva, dirigi meu olhar para o duque, mesmo que ele estivesse numa distância considerável. Ele continuava a olhar para mim. Eu não podia olhar para ele.

∞∞∞∞

Quando a valsa foi anunciada, esperei pelo meu par, que eu já não conseguia mais ver. Tentava não aparentar nervosismo naquele momento, mas as mãos teimavam em segurar uma na outra. A ansiedade aumentou quando ouvi uma voz logo atrás de mim:

PERIGOSAS ACHERON

— Senhorita Amelia, acredito que, finalmente, chegou a minha vez.

Virei-me e encontrei o duque. Apesar de estar com o coração acelerado, fiz o possível para esconder a ebulição de sensações que aquele homem me causava. Um misto de admiração, medo e frustração tentava me engolir. Eu não podia perder a minha mente por causa de algo que nunca poderia ter.

Fiz uma reverência, dessa vez menos pomposa, e aceitei sua companhia até o meio do salão. Sua mão esquerda segurou a minha, enquanto a direita, suavemente, enlaçava a minha cintura, mantendo uma distância respeitosa. Senti o calor dos seus dedos ultrapassarem o tecido do meu vestido. A valsa não era mais uma dança considerada suja, mas era sempre o estopim de mexericos nos salões de baile, caso os pares não mantivessem as regras com rigidez. Por isso, qualquer gesto fora do rigor cortês seria mal interpretado e poderia levar qualquer dama a ter seu nome sujo na sociedade. O duque, como era de se esperar de seu tão alto título, comportou-se como um cavalheiro durante todo o

tempo que durou a dança. Conversamos sobre assuntos genéricos, principalmente, quanto ao clima mais frio para a época do ano. Apenas isso.

Eu me sentia satisfeita e, ao mesmo tempo, um pouco frustrada. Talvez não fosse a dama pragmática que a senhora Robinson sempre fazia questão de frisar. Provavelmente, eu era apenas mais uma moça deslumbrada que acreditava em casamentos perfeitos.

Quando a última nota da valsa foi executada, fizemos uma reverência mútua e tive a impressão do duque ter demorado um pouco mais do que o necessário com a mão em minha cintura. Todavia, convenci-me que tinha sido apenas impressão de alguém mais sonhadora do que deveria.

Meu par levou-me todo o caminho de volta à companhia da condessa. Um pouco antes de chegar, porém, ele fingiu arrumar algo no seu colete, baixando um pouco a cabeça. Ele sussurrou algo que fez meu coração acelerar. Fez meu pragmatismo fraquejar com uma força descomunal.

— Uma pena que as normas de etiqueta não me permitam dançar mais de uma vez com a senhorita. Por mim, proibiria qualquer outro homem de tocá-la, depois de mim. Não vejo a hora de tê-la novamente nos meus braços.

Nada falei. Não poderia. O resto da noite passou como um borrão cinza depois da valsa com o duque de Wes. Minha cabeça sabia que aquilo não era nada mais do que palavras vazias daqueles acostumados a terem tudo o que queriam. Minha alma, entretanto, cantava em alegria, acreditando que milagres aconteciam. Eu apenas queria adormecer e esquecer aquela noite, aquela dança e aquelas palavras.

Capítulo 4

Nunca imaginei que odiaria ir a tantos bailes. Engraçado como desejamos muito algo, mas depois que conseguimos, começamos a achar inúmeras imperfeições. Era assim que eu me sentia diante de uma vida social completamente nova. Os pequenos e campestres bailes as quais era acostumada a ir no meu condado, em nada lembravam aos ricos que eu frequentava há alguns dias.

A rotina social intensa, fazia-me sentir cansada, mas cheia de esperança. Desde a minha apresentação à sociedade londrina, recebera algumas visitas e um número maior de buquês. Rosas, lírios e narcisos chegavam e davam um colorido a mais no hall de entrada da imensa casa da condessa. Ela não escondia seu entusiasmo com o relativo sucesso que eu fazia, mesmo com poucos pretendentes. Provavelmente, tinha consciência de que era também seu sucesso, sabendo do meu irrisório dote e da linhagem pouco atrativa, que cerca de dez cavalheiros (tendo em vista os cartões

que chegavam juntos aos buquês) estivessem dispostos a me fazer a corte. Não havia nenhum título alto dentre os senhores que mostravam interesse em mim. O máximo que tinha era um conde: um senhor com seus quase cinquenta anos, viúvo e pai de dois filhos pequenos, porém, de aparência ainda agradável aos olhos e de conversa afável. Certamente esse era o candidato preferido de lady Robinson, devido, também, a sua boa fortuna.

O segundo lugar pertencia à um jovem barão. Com cerca de vinte e cinco anos, ele era um pouco envergonhado e não muito feliz em sua aparência. Mesmo sendo considerado novo, já havia perdido quase todo o cabelo e tinha um estrabismo por demais acentuado nos dois olhos, o que me deixava desconfortável nas nossas interações. Eu nunca sabia para onde ele olhava e sempre encarava o meio de sua testa. Apesar de tudo, parecia ser uma excelente pessoa, e eu até que gostava dele. Talvez, após mais algumas semanas de bailes e saraus, eu já pudesse estar oficialmente comprometida em noivado. Talvez. Todavia, a garota tola que eu tentava enterrar no mais íntimo do meu ser, parecia

querer emergir, sonhando com o que não devia. Durante esses dez dias, depois do meu primeiro baile londrino, esperei encontrar de novo o duque de Wes. Cada vez que entrava num salão diferente, meu olhar vagava sem cessar, buscando o sorriso enviesado característico do duque. Ele havia desaparecido.

Eu não tinha coragem de perguntar à lady Robinson sobre o paradeiro do duque. Além de não ser de bom tom uma jovem dama fazer esses tipos de questionamentos a respeito de cavalheiros, eu ainda deixaria claro para a condessa que estava interessada. Interessada em algo impossível. Tentei ser firme e me convencer de que as palavras lisonjeiras ditas por ele a mim foram apenas meras letras unidas sem significado. Que, para ele, aquelas frases eram apenas repetições em seu cotidiano, utilizadas com o fim de enaltecer mocinhas incautas e imprudentes vislumbrando objetivos escusos. Durante todo o dia, eu pensava assim. Quando chegava à noite, entretanto, não conseguia parar de buscá-lo no meio das outras pessoas.

Ao final da minha segunda semana na capital inglesa, estava a me preparar para outro baile grandioso. Este seria na mansão do duque de Essex, um dos nobres mais conhecidos e respeitados da sociedade. Além de ser um dos mais ricos. Ele era casado e diziam que era feliz, pois tinha feito um casamento por amor, algo ainda bastante incomum para os aristocratas, principalmente, um que possuía um título alto.

Para esta festa, em particular, foi me oferecido um cuidado ainda maior com o vestuário e o penteado. Meu vestido para a ocasião era de um azul pálido com fios dourados. A moda ditava que ele fosse mais reto na frente, menos volumoso do que os usados nos anos anteriores, e com uma calda longa. Meus cabelos foram enrolados com ferro quente, e presos de uma forma que caíssem em cachos perfeitos, deixando meu rosto livre de qualquer fio. Os sapatos eram brancos, com um pequeno salto e enfeitado com delicadas florezinhas em suas pontas. Eu me sentia uma princesa. Nada poderia pagar o que a condessa fazia por mim.

Quando desci para esperar meus acompanhantes

naquela noite, encontrei, no hall de entrada, um arranjo floral que nunca vira antes. Eram cravos brancos. Um buquê bem maior daqueles que eu era acostumada a receber, e com um acabamento mais elegante. Olhando-o detidamente, poderia até dizer que o próprio remetente fora o responsável pelas disposições dos enfeites e de cada flor no arranjo. Fiquei encarando as flores sem saber se deveria abrir o cartão preso a elas. Afinal, podia não ser para mim. Ninguém me avisara sobre aquela encomenda.

Cheguei mais perto e respirei o aroma peculiar que era exalado. Estava curvada numa posição pouco confortável, quando ouvi passos rápidos.

— Senhorita, essas flores chegaram quase nesse instante. Perdoe-me não ter avisado assim que as recebi, mas não queria incomodá-la.

Quando olhei para atrás, vi uma das criadas da casa, Anne, encarando-me com uma expressão culpada.

— Não precisa pedir perdão, Anne. Mas não

compreendi. Esse arranjo é para mim? — quis ter certeza de ter recebido algo primoroso como aquelas flores.

— Sim, senhorita. São sim. O entregador foi claro quanto ao destinatário. Cravos brancos são tão românticos... — disse Anne, deixando escapar um profundo suspiro sonhador.

— Como assim? Flores possuem significados, Anne?

— Sim, senhorita, claro. Depende do tipo e da cor de cada flor. Essa que a senhorita recebeu significa amor puro, inocência. São lindas... Desculpe a minha intromissão. Preciso ir.

Fez uma reverência para mim e saiu, deixando-me com o coração acelerado e as mãos suando dentro das luvas quentes, já postas. Dentro de mim, depois da explicação dos significados dos cravos brancos feita por Anne, eu não tinha mais dúvida sobre o remetente. O fato de tê-lo visto apenas uma vez, e trocados poucas palavras com ele, deveria ser insuficiente para despertar esse sentimento em

mim. Porém, não era. Aqueles ínfimos momentos foram além de suficientes. E isso me amedrontava. Hoje seria o dia que eu aceitaria formalmente a corte do jovem barão de Kent. Ele tinha sido a minha escolha, contrariando um pouco a condessa. Mesmo assim, ela aceitara feliz. Agora... Bem, eu teria que ter certeza.

Peguei o cartão no arranjo e confirmei o que o coração já sabia. Fora ele que enviara os lindos e significativos cravos. A mensagem em letra firme dizia:

“Viajei por alguns dias e ficaria fora de Londres por um período mais longo. Todavia, informaram-me que alguns cavalheiros desejavam o que escolhi para mim. Voltei imediatamente. Vejo-te esta noite no baile de meu amigo. Guarde a minha valsa, doce senhorita Amelia, eu a cobrarei. Com votos de sincera admiração, William Frederick, Duque de Wes.”

Com o rosto em chamas, tive o impulso de esconder o cartão, mas desisti quando a condessa chegou ao meu lado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que flores lindas... Quem as enviou, Amelia?

Mesmo coberta por vergonha, estendi o cartão para ela. Não poderia omitir aquilo. O duque deixara quase que expresso as suas intenções naquelas poucas palavras.

— Que homem insensato! — esbravejou lady Robinson. — Como pode ser impulsivo dessa forma. Ele não é mais nenhum jovenzinho!

Enquanto ela seguia com seu monólogo, criticando o duque, eu permanecia calada, no mesmo local, observando com admiração os cravos brancos.

— Não queria que você estivesse nessa posição, minha querida — disse ela, tocando com delicadeza o meu rosto. Demonstrações de carinho não eram algo comum para a condessa, tanto que me assustei um pouco com o seu toque.

— Não entendo, minha senhora, isso não é algo bom?

Ela suspirou pesadamente, segurou a minha mão e falou:

PERIGOSAS ACHERON

— Seria, minha querida, se eu tivesse certeza que o duque de Wes estivesse reerguendo sua fortuna, porém não é o caso.

Baixei a minha cabeça sem saber o que pensar, o que dizer. A minha vida, o meu futuro e o da minha família, estava em discussão, e eu não sabia que rumo tomar.

— Amelia, eu queria muito que você se casasse com o barão, o conde ou qualquer outro cavalheiro que pudesse dar-te uma vida tranquila. Não só a você, como a sua família também, pois sei que seus pais estão com dificuldades. Sua mãe conta-me tudo o que se passa. Ela sempre foi como uma irmã para mim. Entretanto, não posso recusar um pedido como esse. Porque, minha querida Amelia, isso é um pedido de corte. Eu não sou capaz de dar um não a um duque, e isso me entristece.

Eu não deveria, mas sorri. Apesar de o duque não ter uma fortuna grande, eu faria um casamento por sentimentos. Ainda que não fosse por amor — ou eu achava que não era —, porém, no mínimo, por uma profunda admiração.

— Oh, menina, só quero te ver bem casada. Se conseguir um bom casamento e ainda a tua felicidade, eu ultrapassarei os meus objetivos. Agora vamos porque o senhor meu marido fará a gentileza de sair do seu escritório para nos acompanhar.

Olhei para a porta fechada e, como mágica, o conde realmente saiu, ajeitando seus óculos em seu rosto redondo.

— O que foi? Estava esperando que alguém me chamasse. Aconteceu algo?

A condessa de Surrey o encarou com carinho e preocupação. Vi quando ela entregou para ele o cartão pessoal que eu recebera. Meu rosto não poderia ficar mais vermelho do que já estava.

Depois que ele leu, resmungou:

— Hum... William tem coragem — assim que falou, virou-se para mim com uma expressão envergonhada e remendou: — Isso não tem a ver com você, Amelia. O pai o deixou em péssimas condições financeiras. De toda forma, sei que

William sempre foi um cavalheiro sério. E soube que ele está tentando um novo negócio. Torço para que dê certo. Se ele te enviou esse cartão, é porque realmente está interessado. E, como minha esposa já deve ter-lhe dito, não podemos negar o pedido de um duque, mesmo com o título que temos.

Assenti. Não falei nada, não era necessário. Por mais temor que essa corte do duque fizesse ao conde e a condessa, eu tremia de felicidade. Acontecia na minha vida aquilo que nunca passara pela minha cabeça. Eu casaria com alguém por quem realmente nutria sentimentos. Ademais, ele era um Duque, inteligente e lindo. Eu estava feliz como não lembrava de ter estado antes.

Capítulo 5

Quando chegamos na casa do anfitrião da noite, o Duque de Essex, fomos devidamente anunciados e levados ao salão central. Ouvi, ao longe, um burburinho na nossa chegada. Não entendia o que acontecia. As conversas cresciam à medida que avançávamos pelo salão.

— William foi rápido, minha querida — ouvi quando o conde sussurrou para a sua esposa. — Ele realmente está interessado na doce Amelia.

— Sim, meu caro, e já fez questão de deixar evidente o seu interesse, afastando qualquer outro possível pretendente. Eu queria estar mais feliz com isso. Afinal, rico ou não, ele é um duque respeitado e atencioso, mas meu coração aperta cada vez que penso no futuro.

Duas coisas a mais me chamaram atenção no diálogo entre meus acompanhantes: o fato de que o burburinho, as conversas em paralelo, fossem a

meu respeito, pois acreditavam que o próprio duque espalhara suas intenções comigo, e a preocupação da condessa quanto ao meu futuro. Os sentimentos em mim guerreavam incessantemente. A felicidade confrontava a ansiedade e a incerteza pelo meu destino. Não saberia dizer ao certo qual seria aquele que venceria a luta.

Fiz um imenso esforço para não andar com a cabeça baixa. As conversas paralelas só cresciam, fazendo a minha vergonha aumentar. Eu não gostava de ser o centro das atenções. Aquela experiência era quase desumana para uma pessoa tímida como eu.

Somente conseguimos andar mais um pouco antes de sermos parados pela primeira vez. Um casal idoso veio perguntar ao Conde se era verdade que o duque de Wes realmente estava fazendo a corte a mim. No mesmo momento, dois dândis disseram que o duque, em um encontro com eles no seu clube de cavalheiros, deixara claro sobre suas intenções com a protegida do conde e da condessa de Surrey. Em segundos, nós já estávamos rodeados por outras tantas pessoas querendo saber

mais sobre as possíveis intenções do duque de Wes. Eu começava a me sentir claustrofóbica e estava quase a pedir espaço quando o silêncio se fez de repente. De uma hora para outra, todos começaram a se afastar e eu passei a respirar melhor com a imediata falta de atenção. Infelizmente, ou não, meu alívio não durou muito.

— Boa noite, conde, condessa — cumprimentou o duque de Wes. Elegante, vestido quase que completamente de preto, com exceção da camisa branca e da gravata marfim. Ele estava ainda mais bonito do que me lembrava.

— Boa noite, senhorita Amelia.

— Bo- Boa noite, vossa graça.

— Espero que os cravos brancos tenham sido do seu gosto.

— Estou muito agradecida pelas flores. Elas são realmente lindas.

— Fico feliz e, de uma certa forma, aliviado. Não costumo escolher pessoalmente as flores que envio.

Embora a conversa tenha sido quase um murmúrio, alguns convidados ouviram o nosso diálogo, o que fez o burburinho recomeçar. Mesmo apreensiva com as conversas, fiquei encantada ao saber que o duque escolhera os cravos brancos. Aquilo era uma deferência pouco comum. Poderia até dizer que rara. Talvez por isso as mulheres me olhassem agora com uma evidente inveja e os homens com uma expressão de curiosidade. Eu me sentia acuada.

— Senhores — disse o duque após eu permanecer em silêncio. — Posso convidar a senhorita Amelia para um passeio ao redor do salão? Ficaremos bem à vista. Os senhores têm a minha promessa.

— Claro, William — ouvi a voz do conde ao meu lado, enquanto eu permanecia congelada no mesmo lugar. — Sabemos que é um cavalheiro e não colocará Amelia em posição difícil.

A última frase foi dita em tom firme. Senti-me cuidada e agradecida ao conde tanto quanto me sentia em relação a sua esposa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos, senhorita?

O duque estendeu seu braço direito e esperou que eu colocasse o meu por cima. Assim o fiz, e saímos no meio de todos, como se estivéssemos num passeio ao ar livre. Não havia mais dúvidas. William Frederick, o Duque de Wes, parecia me cortejar abertamente.

— Não fala nada, senhorita? Eu não desejaria gastar nosso pouco tempo falando do clima, como da primeira vez que dançamos.

Tentei me controlar para não dar uma risada boba. Nós éramos o centro de todos os olhares e eu não cairia em armadilhas capazes de sujar a minha reputação. Ciente do interesse despertado por nós, apenas sorri do galanteio e resolvi conversar abertamente.

— Hoje choveu um pouco pela manhã e agora sinto o clima mais abafado.

— Ah, senhorita, acabei de dizer que não desejaria passar o nosso precioso tempo conversando sobre clima, mas já que insiste... — Deu um longo

suspiro e continuou: — Realmente sinto o salão abafado... Então, segundo os meus parcos conhecimentos meteorológicos, acho que ainda choverá hoje.

— Eu tenho as minhas dúvidas, mas acreditarei nos conhecimentos do senhor, vossa graça.

— Não gosto nem um pouco quando você me chama com tamanha formalidade. Preferia que me chamasse pelo meu nome: William.

— Vossa graça sabe que não posso ter essa intimidade. Normas da sociedade, vossa...

— Certo, certo, já entendi. Continuará me chamando assim...

Não consegui me conter dessa vez e deixei escapar uma pequena risada. Assim que a ouvi, olhei para todos os lados, esperando que olhos acusadores estivessem dirigidos a mim. Não os encontrei. Ao que parecia, eu e o Duque não éramos mais tão interessantes.

— Bem, então você poderia me dizer mais sobre

sua família, senhorita Amelia.

— E vossa graça não sabe? — não resisti e fui um pouco irônica. Já tinha ouvido o conde falando que o duque de Wes era um homem cuidadoso. Não fechava qualquer negócio sem pesquisar minuciosamente antes. Então, eu não era inocente a ponto de acreditar que o duque desconhecia a minha história.

— Vejo outro lado da senhorita aqui. Não me surpreende, entretanto. Desde a primeira vez que a vi, sabia que tinha uma faísca no seu olhar. Uma mulher de personalidade forte...

— Isso é muito ruim?

Ele parou de andar e eu fiz o mesmo. Por um momento, acreditei que ele fosse me levar de volta para a companhia da senhora Robinson, que agora estava com outras damas, sem o marido à vista.

— Não. Pelo contrário. Isso é tudo o que eu desejava.

Depois de algum tempo, o duque de Wes levou-me

de volta à companhia da condessa, ficando ao meu lado como se isso fosse o esperado. Nada falou a respeito de compromisso ou formalizou o desejo de me fazer a corte.

No decorrer da noite, quase nenhum cavalheiro veio pedir para colocar seu nome na minha caderneta de baile. Entendi que, apesar de o duque não ter expressado as suas intenções por meio de palavras, seus atos deixavam claro para todos o que acontecia.

Quando alguém se aproximava de mim com o intuito de me convidar a dançar, recebia um olhar severo do *lord* que me acompanhava, geralmente, desistindo da pretensão. Os únicos que não se deixaram constranger pelo duque foram os cavalheiros mais velhos e casados, amigos do conde e da condessa de Surrey, além dos meus dois pretendentes mais sérios: o barão e o conde.

Fingindo não ver a expressão de desagrado do duque, aceitei todos os convites que me foram feitos. Bem poucos, se comparados com os outros bailes a que eu tinha comparecido. Assim, bailei

um minueto com o conde, que fez questão de reiterar suas intenções comigo, e dancei uma valsa com o barão, que me fez rir com os seus comentários, como sempre fazia. Porém, seu semblante perdeu um pouco do humor quando a música parou e ele precisava me levar de volta ao meu lugar, onde o duque continuava em pé (ele mal saíra de lá durante quase toda a noite).

— Senhorita Amelia, vou dizer-te algo, mas não desejo que me veja como um impertinente.

Mesmo sem o barão de Kent dar qualquer pista a respeito do que diria, eu sabia. Eu sabia porque meu coração me avisava de algo que eu não conseguia compreender com exatidão. Ou, talvez, fosse apenas o meu desejo querendo se sobressair a realidade daquela situação.

— Por favor, fale. Prometo ao senhor que não o acharei impertinente.

O barão, assim como o conde, era o que mais me visitava. Contudo, diferente do conde, nossas conversas iam além do clima da Inglaterra. Eu

confiava nele, o tinha como um amigo querido. Por isso a minha escolha, ainda não declarada, pendia para ele, ao contrário do que a condessa esperava.

— Gosto da senhorita. Tenho um respeito inestimável pela sua pessoa. Não poderia deixar de falar o que sinto por medo de represálias. Soube que o duque de Wes deixou claro para os cavalheiros do seu clube que estava interessado na senhorita. Ele é um bom homem. É respeitado e admirado, principalmente pelos cuidados dedicados aos seus arrendatários. Caso ele tenha que escolher entre um sentimento forte por uma incrível dama e as suas obrigações como duque, ele escolherá a última opção.

Engoli a bola que se formou na minha garganta. Não sabia o que responder, então apenas agradeci. Afinal, um amigo de verdade precisava ser sincero.

Ao chegar novamente à companhia do duque, esqueci — ou tentei esquecer — o que tinha escutado do barão. Não poderia acreditar que tudo aquilo seria feito para ser despedaçado em seguida. Impaciente, resolvi aproveitar a valsa que teria com

o duque de Wes para saber a verdade. Sabia que isso seria impensável para uma dama fazer, mas não poderia continuar com falsas esperanças, encantando-me por alguém para depois sofrer com sua recusa.

Enquanto dávamos voltas no centro do salão, ele falou:

— A senhorita está por deveras calada depois de dançar com lorde Thompson.

Não respondi de imediato. De nada adiantaria mentir sobre o óbvio. Realmente eu ficara pensativa após escutar as palavras do barão de Kent. Então, resolvi primeiro sondar o duque e, depois, expor o que me incomodava, mesmo arriscando mostrar expressões demais no meio do salão.

— Estou apenas pensando, vossa graça.

— Ah, por Deus, chame-me ao menos de milorde, já que não aceita dizer o meu nome.

Cogitei ir contra o seu pedido, porém, resolvi

aceitá-lo.

— Como o senhor quiser... milorde.

O duque fez um movimento quase imperceptível com os dedos que se apoiavam na minha cintura, deslizando-os milimetricamente no meu vestido. Aquilo era o máximo que ele poderia fazer sem chamar atenção da aristocracia presente.

— O que estava pensando, senhorita Amelia?

Mesmo sentindo seus dedos queimarem na minha pele, apesar de eles não estarem em contato direto com ela, obriguei-me a focar em sua pergunta e não nas sensações hipnóticas que o pensamento de ter aquele homem tão próximo a mim despertava.

— Não entendo as suas intenções, milorde. O senhor poderia ter qualquer dama da alta sociedade. Posso estar vendo demasiado. Todavia, as suas ações hoje me fazem questionar se realmente há um interesse sério do senhor em mim.

— A senhorita não percebeu, mesmo com todos os meus atos, ou não deseja ver?

— A sociedade fala, vossa graça. Eu sou apenas a filha única de um barão rural. O senhor já deve saber que não possuo um generoso dote. Que não tenho uma linhagem antiga. Que sou, aos olhos da aristocracia londrina, uma pobre dama que teve a sorte de ser ajudada por um conde e uma condessa. Nada além disso demando ser, pois é tudo real.

No meio do meu discurso, não percebi que meu par me levava cada vez mais perto das portas do jardim. Estava tão preocupada em tirar todas as dúvidas da minha alma, que dancei sem ver os passos dados, deixando o corpo a mercê do meu par.

Assustada, fui puxada para área do jardim. Afastei-me do duque e não contive a raiva iminente.

— Como ousa? Acredita que não sou uma dama de respeito somente pela minha origem? Depois de tudo que falei, acha que pode fazer o que bem entende? Somente ouvi que o senhor era um cavalheiro...

O duque de Wes segurou meus braços suavemente.

Sua respiração era calma. Ele olhou para os lados, estávamos atrás de uma parede de plantas, mas eu sentia que a qualquer momento minha reputação seria destruída. Tentei sair.

— Não. Por favor, Amelia.

O pedido, quase uma súplica, fez com que me acalmasse. Parei, mas exigi:

— Diga o que o senhor deseja.

— Eu desejo te ter como minha esposa! Não consigo tirar teu rosto da minha mente, tuas palavras dos meus ouvidos e teu sorriso do meu coração. Apaixonei-me no primeiro momento que a vi.

— No baile?

— Não... Ali foi a primeira vez que a senhorita me viu. Eu te vi a primeira vez na hospedaria a qual descansaste logo antes de chegar a Londres.

Eu não esperava por aquilo. Realmente a carruagem que me tinha me trazido era velha e com

péssimas rodas. Nós parávamos bastante. E a última parada de descanso havia sido pouco antes da minha chegada. Não lembrava de ter visto o duque.

— Ouvi a senhorita conversando com sua acompanhante e com uma outra criada que a acompanhava. Um rosto inesquecível, uma voz tão terna e doce, e um sorriso sincero a ponto de fazer um homem de trinta anos ser levado à loucura com a lembrança. Eu estava na mesa próxima e escutei a sua conversa, a sua inteligência e perspicácia. A senhorita falava com as duas criadas com carinho e benevolência, dando conselhos e sempre agradecendo os ensinamentos. Como não me apaixonar? Como não desejar uma mulher assim para compartilhar a vida?

— Eu não sabia...

— Não poderia. Amelia, escute-me, tudo o que disseram à senhorita pode ser verdade. Meu péssimo pai foi um esbanjador, deixou-nos numa situação financeira precária, mas saberei contornar. Tenho um negócio em vista, foi por isso que viajei.

PERIGOSAS NACIONAIS

Tenho certeza que tudo dará certo. Que poderei cumprir com meus deveres.

— E se não der certo? Me deixará por uma rica herdeira?

— Dará certo! Não penso o contrário. Pedirei para te fazer a corte. Não falarei em casamento agora. Caso se sinta melhor assim. Por mim, eu te pediria em casamento aos teus protetores ainda hoje. Mas, se quiser...

— Prefiro que só faça o pedido formal quando tudo estiver resolvido.

— Certo, certo. Aceito a tua prudência.

Ele se afastava quando resolvi ser corajosa e segurei a sua mão.

— Obrigada pela sinceridade, milorde.

O duque juntou seu corpo ao meu e passou os dedos carinhosamente pelo meu rosto, como se estivesse memorizando-o. Senti o coração disparar. Ele encostou seu próprio rosto ao meu e murmurou:

PERIGOSAS ACHERON

— Chama-me pelo meu nome, por favor, Amelia. Há noites sonho com isso...

Não conseguia mais pensar. Não poderia negar.

— William...

O beijo suave aconteceu naturalmente. Seus lábios encontraram os meus de maneira delicada, quase sublime. Ele mordiscou, lambeu, sugou. Era o meu primeiro beijo, mas eu tinha certeza que seria sempre um dos melhores nas minhas lembranças.

Capítulo 6

Os dias seguintes à confissão de William, o duque de Wes, passaram cheio de cores, passeios e conversas. A aristocracia inglesa se mostrava em polvorosa com a possibilidade de um dos poucos duques elegíveis para o matrimônio estar fazendo a corte à uma dama de parcos recursos. Não entendiam como um lorde de alto título e com uma situação financeira difícil fazia a corte a mim. Eu não questionaria mais. O novo negócio de William — era um alívio poder chamá-lo pelo seu primeiro nome — parecia prestes a se concretizar. Dessa forma, não demoraria muito para o pedido de casamento oficial e, consequentemente, para a minha nova vida.

Sentada no escritório do conde, tentando não pensar no momento em que meu pretendente chegaria, comecei a folhear um dos tantos livros de sua biblioteca particular. Apesar de aquele ser um lugar sagrado para o dono da casa, fui informada de que poderia usá-lo pelo tempo que quisesse, apenas

tendo o cuidado de não atrapalhar o conde. Era o que eu fazia no momento, aproveitando que o mesmo se encontrava fora.

Esperava, ansiosa, o momento que me chamassem para receber William, que me visitava quase diariamente. As raras vezes que não vinha, sempre mandava um recado pelo mensageiro explicando o porquê de sua ausência. Eu me sentia cuidada e amada. William era atento, inteligente e, quando podia, demonstrava toda a sua paixão por mim com beijos secretos. Como ainda não estávamos formalmente comprometidos, não podíamos ficar nem por um segundo sozinhos, o que levava a condessa a ter um cuidado maior conosco, inclusive nos acompanhando nos passeios. Ela ainda não se tranquilizara com o relacionamento entre o duque e eu, mesmo assim, esforçava-se para aparentar felicidade por mim. Mal sabia ela que eu também sentia um leve temor que tentava expulsar do meu coração, afirmando insistentemente para mim mesma que tudo daria certo. E daria!

— Amelia?

A voz inesperada me fez pular da cadeira e derrubar o pesado livro que segurava.

— Willi... Milorde, boa tarde.

O duque de Wes, com uma expressão arteira, olhou para trás e, deixando a porta entreaberta, deu dois passos longos, enlaçou a minha cintura e beijou-me com uma paixão desmedida.

— Um dia inteiro sem te ver e quase enlouqueço — sussurrou ao meu ouvido, mordiscando-o em seguida e quase me levando a gemer. Aquilo era uma loucura!

— Está louco, milorde? Se alguém nos vir...

Ele me beijou novamente, aproveitando-se da minha falta de vontade para afastá-lo. Seus lábios encontraram o meu pescoço e, mesmo com a gola alta do vestido, senti arder a minha pele e em outros lugares que nem mesmo eram tocados. Aquilo não poderia seguir ou poderia perder a minha virtude antes do casamento.

— William! — falei um pouco mais incisiva. Ele se

afastou, sorrindo descaradamente. Beijou-me mais uma vez, e saiu. Pouco tempo depois, Anne, a jovem criada, veio me chamar, e eu saí como se nada tivesse acontecido.

Eu e William caminhávamos pelo Hyde Park, conversando sobre tudo e nada, aos olhos vigilantes da condessa, que mantinha uma certa distância junto a uma amiga. Sabíamos que não éramos apenas observados por ela. O parque mais famoso de Londres estava cheio naquela hora da tarde e, por onde passávamos, recebíamos olhares curiosos e expressões por vezes indiscretas, como se os nobres ali presentes não acreditassem no que viam. Apesar de aquela não ser a primeira vez de um passeio nosso ao ar livre, as pessoas pareciam ainda não terem se acostumado com a corte do duque de Wes. Contudo, não me importava. Eu estava feliz e não deixaria ninguém tirar de mim esse sentimento. Aliás, a paixão, cada vez mais crescente, fazia com que além da felicidade, eu me sentisse também resplandecente. Até a condessa se mostrava mais simpática à corte, sorrindo discretamente das brincadeiras que William dirigia a mim. Pude ver vários sorrisos simpáticos de lady Robinson.

— Como te sente em atrair tanta atenção da aristocracia londrina, senhorita Amelia?

— Eles não olham para mim. Observam o senhor, vossa graça. Não entendem o seu interesse em me cortejar.

A barra das minhas saias longas arrastava-se pelo caminho. Os vestidos usados para os passeios vespertinos eram menos elaborados do que os de noite. Mesmo assim, mantinham as cores suaves, comuns às senhoritas debutantes.

— Não, Amelia — falou William quase num sussurro. — Eles não conseguem tirar os olhos de você. Fico impressionado por saber que você não faz a menor ideia do efeito que causa.

Senti o rosto esquentar, percebendo que me ruborizava pela timidez. Tentei respirar fundo e me acalmar, pois poderia dar a entender que a vermelhidão do meu rosto era por alguma indecência dita e não por apenas um acesso de vergonha.

— Ah, doce Amelia, um dia ainda verei esse rubor

espalhado por todo o teu corpo. Creio que não durará muito para eu ter esse meu sonho tornado em realidade.

— Por favor, pare, William — sussurrei. Por mais longe que estivéssemos de outras pessoas, principalmente de lady Robinson, ainda sentia medo de nossas palavras serem ouvidas. Qualquer deslize, inclusive uma conversa, poderia causa a perda da reputação de uma mulher. Tratando-se de uma senhorita, então, o perigo era ainda maior.

— Perdoe-me. Não falarei mais sobre os meus pensamentos mais íntimos sobre a senhorita. Ao menos não em público.

Não aguentei e soltei uma leve risada. Provavelmente, fruto do nervosismo que sentia com a audácia de William. Ele era um cavalheiro, mas também parecia ter uma dose de libertinagem em seu caráter. Essas diferentes características do meu pretendente faziam com que eu tivesse certeza da minha felicidade na vida de casada.

— Será que seus pais ficarão felizes com a tua

escolha, senhorita Amelia?

— Como não ficarão felizes quando souberem que a única filha se casará com um duque? — respondi, fingindo uma seriedade que estava longe de sentir.

— Não sei se meu título é suficiente para pais que amam realmente suas filhas. Segundo me contou o conde, os seus estão nesse grupo.

Parei de andar e olhei nos seus olhos, enquanto meu braço ainda estava no dele.

— O conde está certo. Meus pais não ficarão felizes porque sua filha se casará com um duque. Eles ficarão radiantes quando souberem que sua filha se casará com um bom homem. Um cavalheiro pela qual ela nutre profundos sentimentos. Sim, meus pais ficarão felizes com a minha escolha.

O sorriso em sua expressão fazia com que as finas rugas ao redor dos seus olhos se tornassem mais evidentes. Eu não as tinha percebido antes. Embevecida, quase perdida, no azul daquele olhar, não percebi que William se aproximara mais do

que o recomendado.

— Só não te beijo aqui porque não desejo destruir sua reputação, minha querida. Mas no meu pensamento, na minha mente, estou a te abraçar apertado e a te beijar enlouquecidamente — disse com a voz rouca.

Saindo um pouco do calor que emanava daquela declaração, consegui me afastar e verificar ao nosso redor.

— Milorde, todos estão nos observando...

— Bem, eles não estão acostumados a ver um duque apaixonado.

— Mas podem achar que estamos muito íntimos.

— Quando nos casarmos, e espero que não demore muito, eu farei com que eles tenham a certeza da nossa intimidade. Porém, agora você está certa. Continuemos nosso passeio?

Assenti e voltamos a caminhar.

— E a sua mãe, William? O que ela pensa disso tudo?

— Ela confia em mim. Sabe que não faria nada com o qual ela não concordasse.

— Lady Robinson disse que sua mãe não gosta da agitação de Londres.

— Sim, ela prefere a calmaria do campo. Não se preocupe, Amelia. A duquesa viúva de Wes é uma pessoa incrível. Bem diferente da maioria dos nobres ingleses.

Sorri de alívio e contentamento. Tudo daria certo. Eu sabia que daria.

Estávamos nos preparando para voltar à carruagem quando um mensageiro, quase sem fôlego, parou seu cavalo perto de nós, descendo rapidamente.

— O que houve, Andrew? Não teme atropelar um transeunte dessa forma?

— Perdoe-me, vossa graça. Ah, boa tarde, senhorita — falou o homem fazendo uma leve vênia para

mim.

— Andrew, pelo amor de Deus, homem, o que acontece?

— O senhor Balder, milorde. Ele enviou mensagem urgente para o senhor.

William pegou o papel lacrado que o mensageiro estendia, mas não abriu.

— Eu levarei a senhorita Amelia e a condessa para casa. Apenas depois me encarregarei de ler e responder a mensagem. Obrigado, Andrew.

Como se estivesse na dúvida sobre o que fazer, o homem apenas fez outra reverência para o duque e subiu no seu cavalo, que continuava parado no mesmo canto.

— Milorde, sei que posso parecer intrometido, mas peço para que leia a correspondência assim que possa. Ela contém informações preciosas e urgentes que precisam ser lidas antes de qualquer decisão.

Dito isto, saiu em disparada, sem olhar para trás.

No caminho para a casa da condessa, apenas ela falava. O duque permanecia num silêncio tenso. E eu me perguntava o que poderia deixar um homem tão sorridente com aquela expressão. Ele não deixara de alisar o papel amarelado nas mãos. O bilhete não fora aberto antes, como William dissera ao mensageiro, porém eu tinha certeza que meu pretendente não via a hora de abri-lo. Algo em mim apertou. O coração, talvez. Olhei para aquele pequeno papel e, não sei porque, acreditei que a minha vida estava decidida ali. Rezei fervorosamente para ser uma decisão feliz.

Capítulo 7

William não aparecia há cinco dias. Depois do passeio ao Hyde Park, ele me deixou em casa e, ao me ajudar a descer da carruagem, segurou a minha mão por mais tempo do que o devido e a soltou parecendo contrariado. A condessa, discretamente, entrou na imensa casa, deixando-nos a sós por alguns instantes. Era a primeira vez que ela fazia isso.

— Percebo que esse bilhete é muito importante para você, William — aproveitando a nossa proximidade, me permiti ser mais íntima com ele. — Sei que não deveria intrometer-me em assuntos teus, mas não consigo parar de observar a tua sisudez.

O duque de Wes voltou a pegar a minha mão enluvada e a levou até a sua boca, depositando um leve beijo.

— Nunca pense que se intromete em minha vida,

minha querida. Você será a minha esposa e eu não sou o tipo de homem que esconde coisas de quem amo.

Meu coração deu um salto no peito. A minha alma cantou de alegria. Eu não conseguia esconder o sorriso que brotou nos meus lábios, e repeti na minha mente “de quem amo”.

— Eu também não sou um homem que esconde seus sentimentos — disse ele, percebendo o meu sorriso bobo pela sua declaração anterior. — Eu te amo, Amelia.

A declaração, feita de forma doce e intensa, me fez esquecer o que eu havia questionado antes. Mesmo assim, ele não esqueceu. Antes mesmo que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele prosseguiu como se não tivesse me feito uma grande declaração.

— Não se preocupe com o bilhete. É algo importante sim. Provavelmente, será uma grande notícia para mim. Uma decisão final.

O frio varreu meu interior. “Uma decisão final”. O que ele queria dizer com isso?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Precisa entrar, meu amor.

Saí do meu entorpecimento após todas aquelas declarações tão importantes e me despedi.

— Espero que tudo tenha um final satisfatório.

— Terá. Tenho certeza.

Ele fez uma leve reverência, antes de me olhar profundamente mais uma vez e virar as costas para ir embora.

— Ah, William — chamei, sem me importar se alguém poderia escutar a forma íntima pela qual eu me dirigia. Quando ele se virou para mim, senti uma sensação estranha. Meus olhos marejaram sem eu perceber. — Eu também te amo. E... Por favor, não me machuque. É a única coisa que peço.

Ele veio até mim e sussurrou com ênfase nos meus ouvidos:

— Nunca!

PERIGOSAS ACHERON

Verificou todos os lados, levando-me para uma posição por trás da carruagem que o esperava, e me deu um forte beijo. Senti meus lábios queimarem pela paixão.

— Nunca! — repetiu, antes de ir embora de vez.

Isso havia acontecido há cinco dias. Desde então eu não recebera nenhuma notícia de William, nem mesmo uma simples mensagem. Por mais que tentasse me convencer de que ele estava viajando, ocupado, ou resolvendo qualquer outro problema, uma angústia me consumia a cada hora. Um sentimento ruim sobre o meu futuro me tomou, e eu mal conseguia participar da agenda social esperada. Saraus, bailes, jantares. Ia para todos. Dançava, geralmente, com os homens comprometidos e amigos da família. Eram os únicos que tinha coragem de colocar seus nomes na minha caderneta, já que os solteiros não queriam se indispor com o duque de Wes.

Eu bailava com o anfitrião daquela noite quando percebi que muitos rostos se viravam para mim. Num primeiro momento, acreditei estar vendo

demais. Porém, quando percebi a expressão no rosto de lady Robinson, fui tomada pela aflição. Era uma mistura de surpresa, indignação e... piedade. Tudo dirigido a mim. Por um instante, perdi a batida da dança e quase fiz meu par tropeçar. Dei um sorriso envergonhado e pedi perdão pelo ocorrido. Na minha mente rezava para a música terminar logo. Eu precisava saber o porquê de estar sendo objeto de tantos olhares.

Quando tudo terminou, fui levada até a companhia da condessa. Mal havia ficado a sós com ela, e pedi uma explicação.

— Aqui não, Amelia. Vamos esperar mais um pouco e sairemos discretamente.

— Não acredito que possamos sair daqui discretamente, milady. Seja lá o que aconteceu, todos estão nos observando. Não gosto nada disso.

A condessa olhou ao seu redor e confirmou o que eu acabara de dizer. Não haveria saída discreta naquelas circunstâncias.

— Certo. Mandarei chamar o conde e iremos

imediatamente.

E assim foi feito. Ainda tivemos que esperar por mais alguns minutos até o conde aparecer e nossa carruagem ser trazida. Eu começava a me desesperar. Várias coisas passavam pela minha cabeça. A principal era que havia acontecido alguma coisa com William. Eu não queria nem pensar no pior. Não saberia como poderia viver caso William... Não! Não deixaria meus pensamentos irem até esse ponto.

Já acomodados na carruagem luxuosa, percebi um certo constrangimento. Aguentar até chegar em casa estava ficando cada vez mais difícil. A sensação era de que meu peito poderia explodir a qualquer momento com a angústia instalada. Ela crescia mais e mais a cada minuto que se passava sem uma explicação. Será que eles não percebiam os meus sentimentos? Os meus temores?

— Amelia, entendemos que você está curiosa para saber o que aconteceu, mas pedimos que espere até chegarmos em casa. Não se preocupe — falou a condessa como se estivesse lendo os meus

pensamentos — o duque de Wes está muito bem de saúde.

Assenti e falei qualquer coisa sobre não me importar em esperar. Menti. É claro que me importava. Ainda por cima, ficou na minha cabeça a forma irônica na qual a condessa disse a última parte de sua declaração. A angústia deu lugar a curiosidade e a percepção que, de qualquer forma, a notícia não seria boa. Ao menos não para mim.

Ao chegarmos em casa, fomos direto para o escritório do conde. As expressões dos meus dois anfitriões me deixavam ainda mais assustada. Para minha tranquilidade, nenhum dos dois era de enfeitar uma verdade. Então logo fiquei sabendo o que se passava, sem subterfúgios.

— Amélia, minha querida, não temos notícias animadoras para você — lady Robinson começou a falar. Ela sentara numa cadeira ao lado da minha enquanto o conde ficava a nossa frente, acomodado numa poltrona.

— O quanto você sabe sobre o novo negócio do

duque de Wes? — perguntou o conde.

Demorei um pouco pra responder. Não sabia bem se eu sabia de algo a não ser que era um negócio que salvaria as finanças de William. Tentei, de toda forma, puxar pela memória sobre algo que ele falou.

— Ele me disse que era uma fábrica têxtil. Uma sociedade com um americano. Falou que já estava quase tudo acertado.

O conde se levantou e começou a perambular pelo escritório. Aquilo só me fazia ficar cada vez mais angustiada. O que era tudo aquilo? Por que não me contavam logo sobre o que estava acontecendo?

— Sim, Amelia. O senhor Mackenzie é um americano muito rico. Um empresário reconhecido em sua terra e quer trazer a sua marca para a Inglaterra. Ele aceitou fazer negócios com o duque em troca de terrenos e, claro, do prestígio de William. O último muito importante para quem está querendo começar algo aqui. No entanto, parece que o americano mudou de ideia. Está pensando em

construir a fábrica em outro terreno. Uma propriedade longínqua, paga e sem qualquer auxílio da aristocracia.

Fiquei confusa com as palavras do conde. Tentava entender qual vantagem o americano teria para fazer tal troca.

— Não entendo... Por que ele faria algo assim? Se for do jeito que o senhor fala, como isso seria melhor do que a proposta de William?

— Não foi somente você que ficou confusa, minha querida — falou a condessa. — Muitas pessoas não entenderam... Até um dos nossos conhecidos voltar de sua viagem à França e esclarecer a situação para nós.

— Situação?

— Amelia — a voz do conde foi firme quando me chamou. — Mackenzie tem uma filha em idade de casar.

— O que isso tem a ver com... Não. Por favor, não.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Querida, ele recebeu um telegrama sobre o interesse do duque em você. Esta é a forma que ele encontrou para forçar William a aceitar o casamento com a sua filha. Mackenzie sabe bem que esse negócio é vida ou morte para o duque. Ele é um idiota asqueroso. Mas sua chantagem não é incomum.

— Ele não disse antes? Por que não deixou tudo claro desde o começo? — questionei, para logo afirmar: — Mas não tem importância. William não me deixará por causa disso! Ele vem fazendo a corte há tanto tempo... Só não pediu a minha mão porque não deixei. Ele não faria isso comigo! Não me abandonaria depois de tudo o que fez! Ele me arruinaria desse jeito. Ninguém proporia casamento a uma mulher abandonada. Nenhum cavalheiro quer ser uma segunda opção. Eu não posso acreditar que William... — E não aguentei falar mais nada, antes das lágrimas deslizarem incessantemente pelo meu rosto, frente as expressões de tristeza dos meus acompanhantes.

Na minha frente apareceu um lenço e, logo depois, um bilhete.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Anne nos deu isso assim que chegamos.

Segurei o papel amarelado com o brasão do duque de Wes. As mãos tremiam, a vista estava embaçada pelas lágrimas e o coração trovejava com uma força descomunal. Eu temia não ser corajosa o suficiente para aquilo, mas fui. Abri o lacre.

"Minha doce Amelia, escrevo essas palavras lutando contra uma dor que nunca senti. Foi-me imposto fazer uma escolher. E não posso ser egoísta. Peço que um dia consiga me perdoar. Eu... Seja feliz. William Frederick, duque de Wes."

Aquelas frases entraram na minha alma como uma explosão. Deixei o bilhete cair das minhas mãos. A respiração acelerou, o peito doeu. Eu estava atônita. Completamente estupefata. Ele não tinha feito isso comigo... Não tinha me abandonado. Ele...

— Preciso falar com William — foram as únicas palavras ditas antes de eu começar a caminhar para a porta. Precisava falar com o duque de Wes.

Entretanto, fui impedida antes mesmo de colocar a mão na maçaneta.
PERIGOSAS ACHERON

— Amelia...

— Eu preciso falar com ele, condessa.

Ela se aproximou e colocou sua mão no meu rosto, acariciando-o. Seus olhos expressavam uma piedade tão dolorosa que me fez derramar mais lágrimas. Tantas lágrimas...

— Ele viajou para a França, minha querida, onde Mackenzie se encontra atualmente. Não há perspectiva de retorno. Tudo foi muito rápido...

— Viajou...

— Ninguém sabia. Mas quando explodiu a verdade sobre o que se passava ao negócio com o americano, alguns aristocratas tentaram falar com o duque e foram surpreendidos com a informação da sua viagem sigilosa.

— Imbecil! Aquele imbecil!

Ouvi o conde gritar impropérios contra William, mas as palavras dele, de todos, foram se afastando a

medida que a névoa de conhecimento me invadia. Enquanto eu descia ao solo, aterrada com a realidade nefasta, apenas conseguia repetir:

Ele afastou todos os meus outros pretendentes...

Ele disse que me amava...

Ele me abandonou...



Na semana seguinte, fui enviada de volta para as terras dos meus pais. Os boatos já haviam se espalhado e meu nome era estava correndo na boca dos aristocratas londrinos, mais uma vez. Agora, no entanto, como a mulher abandonada pelo duque de Wes. A aristocracia hipócrita nem se preocupava em analisar a situação. A culpa de tudo só poderia ter sido minha. Eu devia ter sido muito fácil para o duque. Eu era uma mercadoria usada.

Meus pais me receberam silenciosos, mas com abraços carinhosos. Eu chorei uma última vez ao

olhá-los. Pedi perdão, mesmo que soubesse não ter culpa. Não poderia me culpar.

Para minha sorte, um cavalheiro rural logo me pediu em casamento. Tudo foi arranjado pela condessa de Surrey. Meu marido era jovem e, apesar de não ter muitas posses, podia dar uma vida digna não só para mim, como também para minha família. Por fim, eu não viraria uma solteirona dando despesas aos meus pais. Dessa forma, aceitei seu pedido assim que foi feito e casei logo depois. Os condes tinham conseguido uma autorização especial da igreja para fazer um casamento rápido.

Meu marido era uma boa pessoa somente quando estava sóbrio, o que não era algo frequente. Muitas vezes, depois que voltava das tabernas, vinha ao meu quarto e exigia seus direitos de marido. Eu fechava os olhos e exercia meu papel feito um autômato. Minha vida foi apenas subsistência. Não havia felicidade. Não havia amor. O respeito, então, era inexistente. Apenas existia rancor no meu coração, na minha alma. Eu odiava o duque de Wes pelo que tinha me feito. Eu abominava William por ele ter me feito conhecer o amor,

mesmo que não fosse verdadeiro. Eu me repudiava por desejar, todos os dias, que a minha vida tivesse sido diferente. Mas meu desespero não durou muito.

Repleta de sentimentos ruins, logo a minha saúde não parecia mais a mesma. Eu não sentia fome, nem sede, nem vontades. Eu não sentia nada. Então, quase um ano depois do meu casamento, houve uma terrível epidemia de gripe que assolou a região onde morava, matando, sem piedade, todos os homens e mulheres com a saúde mais frágil. Dada a minha situação naquele momento, fui uma das suas primeiras vítimas. Meu último pensamento, antes do suspiro final, foi uma promessa. Se houvesse algo além daquela vida, como alguns acreditavam, eu não me deixaria ser enganada por mais ninguém. Por ninguém.

Capítulo 8

Retornei ao mundo real com uma respiração profunda. Os olhos fechados por pura teimosia de minha parte que não os queria abertos. As sombras do quarto denunciavam que a manhã ainda não havia chegado, mas de forma nenhuma eu tentaria retomar o sono. Não desejava voltar para o que tinha visto. Tinha medo até de pensar em fazer tal coisa.

Levantei, ainda anestesiada pela lembrança do sonho, e fui em direção à cozinha. Como se dizia quando eu era uma criança, a ficha não havia caído. Eu sentia como se tivesse visto um filme sobre a vida de alguém. Uma moça jovem e meiga chamada Amelia, que sofrera terríveis decepções e perdas em sua difícil vida na sociedade londrina da época vitoriana.

Abri a geladeira e enchi um copo com água gelada. Tomei todo o conteúdo com uma avidez desconfortável. De onde eu estava na pequena

cozinha, conseguia ver no quarto o cravo branco em cima do criado mudo. Assim que meus olhos se fixaram na sua brancura, meu peito foi pressionado por uma força invisível que fez minhas mãos tremerem e o copo de plástico duro cair com um estalido. Deslizei até o chão e o choro sentido veio de surpresa, junto com as lágrimas abundantes que apareceram sem convite.

Com uma percepção tardia, compreendi que o sonho tinha sido uma lembrança. Que o filme não era sobre uma desconhecida. Que o sentimento de piedade era direcionado a mim e mais ninguém. O choro sofrido arrancava de mim profundos suspiros que se intercalavam com a dificuldade de respirar. Não lembrava de ter chorado daquela forma antes. Mas a dor... A dor era intensa. A dor era demasiada. Sem conseguir controlar meu desespero, entreguei-me a ele e lhe conferi uma vitória temporária. Sofria por aquela jovem inocente, chorava pela mulher que atualmente era.

Permaneci sentada no chão, com a cabeça pesando sobre meus braços cansados. O exaurimento mental e físico foi tanto que adormeci ali mesmo, no chão

da cozinha, ainda sem conseguir juntar todas as peças do quebra-cabeça, mas com a certeza de que sabia exatamente quem era o duque de Wes e o porquê de não dar uma outra chance a ele.



Despertei com uma dor de cabeça lancinante. Ondas e picadas de sofrimento atingiam meu crânio em todos os locais possíveis. Não havia nenhum espaço a salvo da dor. Os olhos permaneciam pesados e, provavelmente, inchados. O corpo, deitado em posição estranha, também reclamava de dores em inúmeros músculos. A coluna, então, estava prestes a travar. Entretanto, nenhuma das dores físicas se sobrepunha a dor espiritual que sentia. Esta dilacerava a minha alma.

Com dificuldade quase sobre-humana, consegui me levantar. Sentia-me enjoada e com vontade de deitar na cama por tempo indeterminado, tentando escapar da realidade pelo menos durante o fim de semana. Sorte que era um sábado.

Ainda desnorteada, segui ao banheiro e tentei colocar para fora o que a ânsia me mandava, mas nada saiu. Deitei na cama e olhei para o lado, percebendo que o celular piscava, chamando atenção para alguma mensagem. Mesmo a contragosto, desbloqueei a tela e não verifiquei quem tinha enviado quatro mensagens. Abri o contato e quase solto o maldito *smartphone* pelo susto.

“Me perdoa, Letícia. Eu fui um fraco. Mas você precisa escutar o resto da história. Preciso te dizer o que aconteceu comigo.”

“Nunca acreditei nessas coisas. Como poderia acreditar nisso? Só pode ser loucura. Deveria ser loucura. Mas sei que não é. Você também sabe, Letícia? Você também sonhou? A mulher hippie me disse que também te entregou um cravo branco.”

“Você era tão linda como agora.”

“Estou falando loucuras, coisas sem nexo. Provavelmente você não está entendendo nada do

que eu digo. Acho que estou em estado de choque. Desculpe. Tive um sonho, pesadelo, tão real... Por favor, me desculpe.”

Eu lia os textos sem conseguir compreendê-los por inteiro. Claro que sabia de quem eram, porém, mesmo que não soubesse, era fácil identificar a origem. A foto do perfil era clara. Um homem loiro, lindo e sério aparecia quando abria o aplicativo de conversa. Samuel... Ele também sonhara? Ao mesmo tempo? Isso só podia ser maluquice! Desliguei o telefone sem responder qualquer coisa. A cabeça doía, a mente divagava e a vontade de me encolher era gigantesca.

Como Amelia tinha sofrido... Como Samuel me fez sofrer... Era por isso que eu sentia como se o conhecesse. O déjà vu, a vontade de ficar perto mesmo desejando estar longe... Meu Deus! Por que eu precisava passar por isso? Por que ele teria que me mandar mensagem? Eu não podia ouvi-lo. Será que me procuraria? Não queria vê-lo. Não poderia... O que ele fez... Meu Deus, o que ele fez? Me abandonou por dinheiro! Uma menina ingênua deixada para trás como se nada importasse. E agora

desejava me ver? Outros corpos, outras vidas, novas histórias, mas mesmas almas. Quem poderia dizer que eu teria uma história de amor em uma vida passada?

Sentindo-me estranha, levantei e comecei a arrumar as minhas malas. Voltaria para a casa da minha tia. Para o mesmo lugar que ficara logo após o término com meu ex-namorado. Precisava escapar. Sair do meu apartamento. Passar um tempo longe. Fugir!

Já havia me preparado, pegado a mala, telefonado para o jornal, informando da minha decisão de tirar as licenças que ainda tinha direito, e desligado todos os eletrodomésticos de casa.

Abri a porta, carregando meus pertences, mas fui surpreendida pela principal pessoa que não desejava ver.

— Precisamos conversar, Letícia.

Encarei Samuel sem saber o que dizer. Ele estava com a cara amassada, os olhos inchados e os cabelos completamente despenteados, lembrando a minha própria aparência doentia. Vestia bermudas,

provavelmente a camisa estava pelo avesso, e os chinelos tinham cores diferentes. Não sei como me dei conta de tudo aquilo pelo estado de espírito que me encontrava. Procurando lembrar de qualquer coisa, disse a primeira que veio à mente.

— Samuel, não tenho tempo agora. Preciso ir.

Tentei forçar a minha passagem, porém ele segurou meu braço. Não havia força, apenas um pouco de pressão. Outro déjà vu. Porém, naquele instante, não houve só a sensação. Em vez disso, uma cena inteira se desenrolou na minha mente, levando-me, por alguns segundos, a um jardim londrino. Balancei a cabeça, expulsando as tormentosas recordações. Ainda estava parada sentindo a queimação do contato de pele contra pele, quando consegui me desvencilhar. Precisava sair dali.

— Eu sei que você sonhou também. Sinto aqui — disse Samuel, esmurrando seu peito esquerdo. — Sei que o cravo branco foi nosso portal para lembrarmos. — Sua expressão férrea me fazia lembrar do duque de Wes. Estava tudo lá. Certamente, até a falta de caráter ainda permanecia.

— Não sei do que está falando, Samuel — desconversei, fechando a porta de casa e caminhando para longe. Não houve mais toques por parte dele. Não. Para impedir a minha partida, ele sussurrou num tom de voz que chegou à minha alma:

— Por favor, Amelia.

Eu parei. Demorei um pouco antes de me virar. Precisava controlar a velocidade da minha respiração. Necessitava ser a Letícia. Uma mulher pragmática, controlada, segura. Entretanto, a doce e encantada Amelia ainda morava em mim. Incontáveis partes dela estavam escondidas e foram expostas após aquele chamado. Assim, logo depois de passado o susto inicial, despejei nele todo o rancor que não imaginava sentir.

— Sim, querido e detestável *duque de Wes* — gritei toda a ironia que consegui. — Desculpe por não querer ouvi-lo. Talvez seja porque não desejo saber de nenhuma mentira. Ou não aceitar ser enganada por palavras bonitas como já fui uma vez. Me perdoe pelo meu instinto de sobrevivência. Pelo

meu rancor *desnecessário* frente a tudo que passei depois da sua atitude covarde! Você não tem ideia do que passei depois que fui abandonada. Não tem ideia! Então não me venha com exigência. Não imponha a sua verdade. Não queira se fazer de vítima. Não queira! Porque se existiu alguma vítima nessa história de ego e covardia, ela se chamou Amelia em uma outra vida e nessa se chama Letícia. Essa Letícia não aceita falsas promessas. Essa Letícia não tolera conversas vãs. Essa Letícia não perdoa o que fizeram com Amelia. O que você fez com ela... Me faça um favor e desapareça dessa minha vida. Não quero sofrer novamente. Não mereço isso!

O discurso foi forte e contundente. Parecia que eu correra toda uma maratona, tendo em vista a respiração ofegante. Samuel olhava para mim com uma expressão transtornada. Ele reprimia as lágrimas de descerem por sua face. Eu não conseguia controlar as minhas.

Fui tomada de surpresa quando, mesmo em situação caótica, Samuel caminhou até a minha frente e, com seu rosto perto do meu, foi enfático:

— Preciso te contar tudo. O que fiz parece não ter perdão. Mesmo assim, espero que me perdoe. Eu te amo, Letícia. Sabia desde a primeira vez que vi a tua foto e não entendi o que estava acontecendo comigo. O sonho de ontem foi esclarecedor. Foi real. Eu não amo uma desconhecida, como imaginei. Eu amo a mulher que me enfeitiçou em outra vida. A mulher que nunca fui capaz de esquecer.

Logo após dizer isso, Samuel aproximou-se mais de mim e encostou seu corpo ao meu. Sua boca tão perto da minha fez com que eu perdesse o rumo dos pensamentos. Por um instante, todo tormento converteu-se em névoa e minha mente ficou em branco. Eu só conseguia encarar a boca dele, inalar o cheiro do seu perfume e me perder nas lembranças do seu corpo. Quando cerrei os olhos, senti os lábios de Samuel nos meus. Permiti que sua língua invadisse a minha boca sedenta, e retribuí a carícia sem pensar. Os suspiros tomaram conta do momento. Samuel passou seus braços por minha cintura, mas eu não fiz o mesmo. Embora sonhasse fazê-lo, não consegui. Ainda não. Aquele encontro de bocas foi também um encontro de

almas. Agora, diferente da noite de amor compartilhada antes, foi de forma consciente. Sabíamos quem éramos e quem tínhamos sido. Por isso, o beijo passou a ser um sinal de reconhecimento. Era um carinho com desenfreio.

Parada por algum tempo diante do beijo inesperado, pensei em ouvir o que ele tinha a me dizer. Porém, as lembranças da outra vida, as mágoas e decepções, ainda estavam frescas demais, reais demais para eu ignorá-las. Assim, resolvi seguir meu plano inicial e me refugiar em outra cidade. Precisava de um tempo. Ficar longe e compreender essa parte nova que despertara em mim. Eu ainda amava o duque de Wes, eu ainda odiava Samuel. Era necessário lidar comigo primeiro, com as minhas emoções, e, só depois, me entregar à uma conversa definitiva.

Aproveitei o momento de incerteza dele e quase corri em direção ao carro. Eu tinha que ir embora.

— Preciso ir.

Foi a única coisa que disse antes de colocar a mala

no carro e partir sem data para voltar, deixando um amor revestido por um mar de dúvidas para trás.

Capítulo 9

Fazia quase um mês que eu estava hospedada na casa da minha tia. Pedi ao meu chefe que também me concedesse as férias que eu tinha direito. Assim, dez dias de licença se tornariam quarenta dias longe do trabalho. Com algum tempo para passar longe, ainda não me sentia preparada para voltar. Por mais incrível que pudesse parecer, eu não sabia o que faria quando retornasse. Ainda não tomara a decisão de minha vida. Só desejava ficar distante. Esperava me manter distante de Samuel.

Nos primeiros dias longe, ele me enviou algumas mensagens que ignorei completamente. Claro que acabei por ler todas antes de apagar. Ele sempre repetia que precisava se explicar. Que certamente as minhas lembranças não alcançavam o que eu não poderia saber. Que havia coisas das quais eu não tinha ideia, pois desconhecia o destino dele. Pedia para que eu o ouvisse. Ele precisava me contar toda a verdade e isso só poderia ser feito pessoalmente. Em cada uma das mensagens ele terminava com

um “eu te amo”, e eu chorava copiosamente após ler.

Minha tia também acreditava em temas espiritualistas, reencarnações e experiências extrassensoriais. Contei tudo para ela, acreditando que teria uma aliada. Enganei-me redondamente.

— Você precisa ouvi-lo, meu amor. A história que foi mostrada a você não está completa. Não tem o lado dele. É preciso escutar o lado dele.

— Não sei se consigo... A dor é recente. Aberta. Não entendo como Catarina dizia que via a reencarnação dela como se fosse de outra pessoa. Comigo não foi assim. Era eu! Sou eu! As alegrias, dores, rancores de Amelia estão vivos em mim. Não consigo ver a pessoa que mais me fez sofrer. Não posso perdoá-lo. Mas eu queria ser mais forte porque tudo voltou... tanto o ódio quanto...

— O amor — finalizou minha tia.

Ela me abraçou e beijou meus cabelos com carinho.

— Quando você veio aqui depois de ter terminado

com aquele cafajeste, pensei que havia sofrimento nos teus olhos. Hoje, te vendo assim, percebo que aquilo não foi nada diante do que você passa agora. Aquilo não era amor. Mas isso é. Ouça ele, minha menina. Deixe ele contar a história pelo olhar dele. Você merece isso. Lembre que esta é outra vida e nós não devemos nos impedir de sermos felizes por erros do passado. Agora vamos dormir. Já está tarde e nós duas precisamos descansar.

Apesar dos conselhos de minha tia, continuei por mais algum tempo na cozinha pensando sobre o que ela me dissera. Eu deveria mesmo escutá-lo? E se ele me fizesse sofrer mais uma vez? Eu o amava com tudo o que tinha, mas será que Samuel sentia o mesmo por mim? O amor dele não tinha sido suficiente antes, por que seria agora? Eu poderia esquecer tamanho sofrimento?

Com tantas perguntas sem nenhuma resposta resolvi me retirar ao quarto. A cabeça rodava sem parar. Pensamentos constantes sobre Samuel e lembranças indesejáveis ocupavam todo o espaço da minha mente. Eu não tive coragem para contar à Catarina a verdade. Ela já havia voltado de sua

viagem e me telefonara. Preferi me abster de revelar. Não podia fazer isso por telefone, mesmo que fosse por uma chamada de vídeo.

Adormeci e tive um sono agitado, mais uma vez. Sonhei com as mãos de Samuel deslizando pelo meu corpo. Eu suspirava de prazer e pedia que ele não parasse. Ele repetia que me amava, que precisava conversar comigo, me explicar suas razões e sua verdadeira decisão. Era enfático ao dizer que eu não sabia de tudo, e que ambos merecíamos uma segunda chance. No sonho, afastei ele do meu corpo. Disse que não podia continuar. Não poderia sofrer de novo. A primeira vez já tinha sido um sofrimento avassalador. Não conseguiria passar por aquilo novamente sem pagar um preço alto. Talvez ainda mais alto que naquela vida.

Levantei da cama quase na mesma hora que abri os olhos. Percebi que o sol já estava alto, pois o pequeno quarto de hóspede estava iluminado como se várias luzes estivessem acesas. Mesmo com a impressão do sonho muito forte, recuperei o poder sobre mim mesma. Fui no armário que guardava as

minhas poucas coisas e peguei minha *necessaire* com produtos de higiene. O único banheiro da casa ficava no corredor. Minha tia morava sozinha. Nunca tinha casado nem tido filhos. Mas era melhor mãe para mim do que a biológica jamais seria. Ela havia me criado por anos depois que meus pais se separaram e resolveram morar em cidades diferentes. Eu tinha pouco mais de quinze anos naquela época e pedi para ficar onde estava. Não desejava seguir nenhum deles.

Minha mãe, que nunca foi um exemplo de maternidade a seguir, permitiu que eu passasse a viver com a sua irmã. Numa cidade pequena em meados dos anos 90, onde eu vivera durante toda a minha vida, não houve problemas com a minha decisão. Ninguém contestou nada. Quando eu precisava de alguma permissão por assinatura, minha mãe me enviava pelo correio. Meu vínculo sempre foi mais forte com a minha tia do que com qualquer outra pessoa. As únicas que chegaram perto foram Catarina e sua mãe. Minha tia era o meu porto seguro.

Continuando o meu plano inicial, fui em direção à

porta para alcançar o corredor, já que precisava de um banho gelado para afastar os pensamentos inoportunos. Meus dias distantes estavam perto do fim e eu ainda era uma confusão de sentimentos. Realmente, eu precisava de um banho.

Quando tocava a maçaneta da porta para sair do quarto, ouvi uma voz masculina que congelou o meu corpo no mesmo lugar.

— Eu sei que Letícia está aqui, senhora. Também entendo que ela pode não querer me ver, mas viajei por quatro horas de carro. Deixei meu trabalho mesmo não possuindo direito a férias para vê-la. Para falar a verdade, abandonei tudo porque não cometerei o mesmo erro da outra vida. Não esperarei tempo demais para fazer o que tenho que fazer. Se eu perder Letícia dessa vez, não será por falta de luta. Eu lutarei até quando tiver forças. E, claro, até ela me permitir.

— Volte outra hora, meu filho — ouvi minha tia dizer com um tom complacente em sua voz. — Ela ainda está deitada.

Após um momento de silêncio, as vozes tornaram-se mais baixas, porém ainda audíveis de onde eu estava.

— Eu voltarei, senhora. Pode apostar que sim.

— Não preciso apostar, sei que você voltará. Só tenha paciência. Também acredito que vocês precisam conversar.

Escutei a porta se fechar e saí correndo em direção ao banheiro. O coração saltava no peito e eu sentia minhas mãos tremerem sem controle. Ele tinha vindo. Samuel estava na minha pequena cidade, batendo na porta da casa de minha tia e pedindo para me ver. Não sabia como ele tinha me encontrado. Duvidava que Catarina fosse a sua fonte para saber meu endereço. Como ele tinha conseguido? Por que ele tinha vindo? E, por fim, por que eu não conseguia impedir a felicidade de brotar em minha alma com a sua chegada?

Com a mente em desalinho, tomei um banho gelado, pensando em tudo até aquele momento, e, ainda embaixo do forte jato de água, tomei uma

decisão. O engraçado era que com a decisão tomada, sentia que tudo se acalmava. Meu coração voltou a bater num ritmo normal, as mãos pararam de tremer e os pensamentos entraram em estado de calmaria. Sim, estava claro que eu estava pronta.

Quando saí do banheiro, minha tia já me esperava com um farto café da manhã. Ela nada falou, mas eu sabia que apenas com muita força de vontade as suas palavras eram impedidas de saírem. Seu esforço foi recompensado quando resolvi puxar o assunto.

— Houve alguma visita hoje, tia?

Ela me olhou como se investigasse meu espírito. O que viu a fez torcer a boca num gesto bastante conhecido por mim. Minha tia sabia o que eu não tinha dito.

— Faça um esforço e escute o rapaz, Letícia. Ele está desesperado. Sofre tanto quanto você. Pude ver em seus olhos. Nem falaria isso se não acreditasse verdadeiramente nele. Eu só quero a sua felicidade, minha filha. Você sabe disso.

Respirei fundo e respondi:

— Sei, tia. E aceitarei o teu conselho. Decidi que vou escutar o que Samuel tem a me dizer.

Ela chegou perto de mim e, como eu estava sentada, abraçou o meu pescoço, encostando sua cabeça na minha.

— Sinto aqui dentro — e apontou ao seu próprio peito — que você será tão feliz, meu amor. E nada me traria mais tranquilidade do que ver minha filha feliz. Nada.

Deixei algumas lágrimas rolarem pelo carinho que sentia. Minha tia. Minha verdadeira mãe. Se ela me dizia que eu precisava deixar Samuel falar, eu o deixaria. Embora não saberia dizer ao certo se isso me traria felicidade, como minha tia parecia ter tanta certeza.

∞∞∞∞

Passei o dia inteiro em casa, me preparando

psicologicamente para o encontro que teria mais tarde. Eu havia enviado uma mensagem para Samuel pedindo a ele para vir me encontrar seis horas da noite. Desde a mensagem até aquele momento a dúvida ainda me assaltava de vez em quando.

Mesmo na incerteza, quando o relógio marcou dez minutos para a hora marcada, deixei meu corpo se esparramar na cama e pedi a uma força superior que me desse clareza para aceitar o meu futuro. Qualquer caminho que eu escolhesse, aceitando ou não as explicações de Samuel, apesar de estar quase certa que elas não convenceriam meu espírito quebrado.

Quando escutei uma suave batida na porta da frente, senti as pernas fraquejarem. Com bastante esforço, endireitei meu corpo e me forcei a caminhar. Minha tia havia saído com a desculpa de que passaria a noite na casa de uma amiga adoecida. Não acreditei nem por um segundo na sua conversa, mas aceitei sem questionar.

Tomando uma respiração profunda, abri a porta e

quase perco a linha de pensamento quando vi Samuel pela primeira vez depois de quase trinta dias.

Capítulo 10

— Por favor, entre.

A voz saiu quase num sussurro. Eu não queria aparentar tamanho receio, mas era extremamente difícil para mim, naquele instante, esconder o que se passava no meu interior.

Samuel aceitou o convite sem dizer nada. Mantendo os olhos fixos em mim, entrou na pequena sala e esperou. Com uma demora desnecessária, fechei a porta, utilizando aqueles segundos para diminuir a adrenalina que se espalhava pelo meu corpo. Somente percebi que ainda olhava para a porta fechada quando a voz rouca do meu convidado quebrou o silêncio aflitivo.

— Olhe para mim, Letícia.

Assim que ouvi suas palavras, cerrei os olhos. Provavelmente, o inconsciente ainda não estava certo sobre a presença de Samuel ali. Certamente,

fingia a sua ausência.

— Por favor, olhe para mim — ele repetiu.

Nas duas vezes que falou comigo, não me tocou, mesmo estando tão perto. Eu tinha certeza que o fato de não me tocar estava sendo uma difícil missão para ele, já que sua voz aliava o pedido com um matiz de desespero.

Numa atitude corajosa, abri os olhos e deixei a porta fechada para trás, dando as costas a ela. De frente para Samuel, tentei encará-lo da mesma forma que ele me encarava: fixamente. Entretanto, não demorou muito para eu desviar. Talvez, ainda não estivesse preparada como acreditava. Deveria deixar aquilo para outro momento. Adiar aquele encontro. Eu não estava preparada. Por que inventara aquilo? Não estava preparada. Não...

— Letícia, olhe para mim!

Sua ordem enfática me fez encontrar seu rosto deformado pela tristeza. A respiração acelerada dificultava a pôr em ordem meus pensamentos.

— Tente respirar fundo. Vamos lá, uma vez.

Fiz o que ele me pedia e comecei a melhorar.

— Outra vez. Isso, amor. Você sempre foi tão corajosa... Vamos... Mais uma vez. Está melhor?

Eu estava melhor, mas nada disse, apenas concordei com um gesto. Finalmente no controle total do meu corpo, falei pela segunda vez naquela noite. Queria terminar logo com aquilo. Dar um basta naquele momento surreal da minha vida.

— Sente-se, por favor.

Samuel acomodou-se no sofá marrom de dois lugares, enquanto eu me sentava na poltrona preta, mantendo-me afastada dele o máximo que podia.

Como ele continuava em silêncio, resolvi instigá-lo a começar. Queria que tudo terminasse e eu pudesse voltar a minha vida normal. Essa, ao menos, era a minha esperança.

— Prometi que te deixaria falar. Se quiser, pode começar. Juro que escutarei.

O nervosismo exacerbado parecia que tinha mudado de lado. Samuel torcia suas mãos constantemente, enquanto seus pés não paravam de bater no chão em ritmo constante. Sua beleza me deixava sem fôlego. Ele se arrumara com cuidado para estar ali. Usava uma camisa polo branca, calças de um jeans azul escuro e um tênis preto que parecia novo. Seus cabelos loiros foram penteados para trás, mas sempre uma mecha caía no rosto. Esse era o único momento que ele deixava suas mãos sem torcer, pois, as usava para pentear os fios, numa tentativa infrutífera de controlá-los. Os olhos de um verde claro e profundo embalaram a mudança de sua expressão. De nervosa tornou-se determinada. Aquela conversa não seria fácil para nenhum de nós.

— Há cerca de trinta dias, uma mulher meio maluca me encontrou na saída do trabalho e tentou parar o meu trajeto. Como não dei importância, ela me chamou por um nome que me fez parar. Não era o meu nome, mas mesmo assim parei. William! Ela gritou. Balancei a cabeça pensando que estava mais doido do que a mulher e continuei a andar. Então ela me chamou por Samuel e eu parei de novo.

Perguntei o que desejava. Se precisava de ajuda e se me conhecia. Ela falou algo sobre uma mensagem e ajuda. Me entregou uma flor branca e disse que eu precisava contar a você a parte que só eu sabia. Ela disse o seu nome, Letícia, e me garantiu que já tinha conversado contigo. À noite coloquei a flor ao lado da cama (não conseguia jogá-la no lixo, como era a minha intenção), e adormeci. Nunca fui muito religioso. Não acreditava em coisas inexplicáveis. Mas o dia que se seguiu ao sonho me fez rever tudo em que acreditava. Dormi como um ser descrente e acordei como alguém que possui a consciência de ter várias vidas além dessa.

Ele parou um pouco e eu pedi licença para ir na cozinha em busca de água para nós dois. A história dele bem poderia ser a minha. Passei por exatamente a mesma experiência.

Quando retornei, entreguei o copo de água para Samuel e voltei a me sentar na poltrona. Aquilo era apenas o começo.

— A mulher não mentiu. Ela também falou comigo

e me entregou o cravo branco. Mas, continue, por favor — pedi. — Isso você já deve ter imaginado.

Ele concordou.

— Eu era um duque em plena era vitoriana. Isso é tão insano! Acredita que não contei para ninguém sobre isso? Não tenho entre a família ou amigos alguém que acreditaria nessa história — deu uma risada sem vontade. — Eles achariam que eu tinha enlouquecido. Do mesmo jeito que achei aquela mulher doida. Porque eles nunca entenderão o que vi. Nunca saberão o que senti. É algo... Droga! É inexplicável!

— Sim — concordei com Samuel. — Eu contei para minha tia. Ela acredita em reencarnações. Sempre acreditou. Eu também. Mesmo assim nunca imaginei experimentar o que senti naquele sonho. Não há como duvidar que aquilo realmente aconteceu.

Minha última frase saiu com tristeza. Era certo que a dor, o sofrimento, fora real.

— O mais engraçado é que sempre quis ser alguém

na vida, como diziam meus avós — ele voltou a falar. — E fui a merda de um duque em outra vida! Sabe o pior? Odiei me sentir na pele dele por cada segundo daquelas lembranças. Porque aquilo foram recordações e não apenas um sonho. Não há orgulho em ter sido um duque. O peso de meio mundo recaía sobre meus ombros. Eu não tive direito a escolhas desde meu nascimento. Ser da aristocracia inglesa não era tão glorioso como acreditava que fosse nas aulas de História.

Enquanto Samuel falava, eu me perguntava sobre o que ele queria com tudo aquilo. Queria que eu tivesse pena dele? Que o entendesse? Por mais que soubesse como era a vida naquela época, eu não estava disposta a ser manipulada. Duque ou servo, o mínimo que esperava de qualquer pessoa boa era honestidade. E William não tinha sido honesto comigo. Foi mentiroso e covarde!

— O que você quer tanto me contar, Samuel? — perguntei sem conseguir me conter. — Você disse que precisava dizer algo que eu não sabia, mas, até agora, apenas falou sobre coisas que não fazem a mínima diferença para mim. Era só isso o que

queria me dizer?

— Não! Desculpe, mas estou tentando organizar as ideias para falar o que é necessário. O que tenho para dizer pode diminuir um pouco a raiva que você sente agora.

Levantei da poltrona e andei um pouco pela sala. Passei a mão pelos meus cabelos cacheados e bufei com impaciência. Não. Não com impaciência. Com ira. Eu estava irada. Completamente enraivecida!

— Diminuir a raiva? O que você está pensando? O que você...? Merda! Olha, não sei se o que vai me dizer realmente é importante para mim. Mas eu preciso deixar uma coisa clara: precisa realmente ser a droga de uma revelação para, pelo menos, diminuir um pouquinho a raiva que sinto! — Apontei o dedo indicador para ele, como uma grande acusação, e continuei: — Me deixa te dizer umas coisinhas. Depois que você foi embora covardemente para se casar com a herdeira americana, eu fui considerada uma pária social. A notícia do meu abandono se alastrou como fogo em uma cabana de palha. O maravilhoso duque de Wes

havia abandonado a jovem e pobre Amelia. Certamente, ela teria lhe oferecido mais do que uma donzela decente deveria. Quem desejaria uma mercadoria de segunda mão? Algo usado? Quem? O que sobrou para mim, você poderia perguntar. A condessa e o conde conseguiram que um fazendeiro (ou cavalheiro rural, como eles diziam na época) me quisesse como esposa. Um homem ébrio que me tratava pior do que um objeto! Uma vida de perdas e decepções e tristezas. Sabe o que aconteceu não muito tempo depois do meu casamento? Sabe? — gritei a última pergunta, já chorando sem controle.

— Sei! Eu sei tudo, inferno! Sei tudo! — Samuel levantou-se e ficou na minha frente, enquanto eu dava os passos que conseguia para trás.

— O que quer dizer com isso? O que você acha que sabe?

Ele levantou sua mão, tentando alcançar meu rosto vermelho pelo choro, mas eu me afastei um pouco mais. Samuel deixou sua mão cair e pude ver que algumas lágrimas começavam a brotar de seus

olhos esverdeados.

— Eu sei que a sua morte atravessou o meu mundo e também me fez querer morrer. Eu sei que você morreu sozinha porque seu marido tinha saído para beber. Eu sei que tudo em mim pareceu morrer com você no momento que fui informado do que tinha acontecido.

— Como sabe disso? — foi a única coisa que consegui dizer. Um nó se formara na garganta me impedindo de falar qualquer palavra a mais.

— Eu sabia de tudo, Letícia. Eu te amava... Fui covarde sim. Quando vi que tudo ia desabar. O negócio não daria certo. Eu estava sendo chantageado pelo meu futuro sócio. Quase perdi a cabeça. Muitas famílias, arrendatários das minhas terras, dependiam de mim. Um aristocrata pobre, completamente falido. As pessoas do meu círculo só não me condenavam por entrar nos negócios porque eu tinha um título alto e respeitado. Caso contrário, naquela época, eu seria massacrado. Mesmo assim, não me deixei abater e aceitei a proposta do americano. Era a única forma honesta

de sair do fundo do poço. Conheci você e pensei: Por que não? Se posso começar a trabalhar como as outras pessoas comuns, por que não posso me casar com quem eu queira? E eu queria... Como desejei me casar com você. Depois da ameaça do meu sócio, decidi que me casaria com a filha dele. Te mandei o bilhete e desapareci. Fui covarde! Um estúpido covarde! Passei noites acordado sem saber o que fazer. Desesperado, ultrajado, indignado com a minha própria desgraça. Eu te amava tanto... tanto... Mas o mundo desabava. Não era somente eu. Eram centenas de famílias, inclusive a minha. Subi naquele navio convencido que era o melhor a se fazer, por mais que a dor fosse quase insuportável. Estava preparado para viajar à França e aceitar os termos da chantagem. Porém, quando cheguei lá... Não consegui. Esperei ainda cerca de duas semanas para ele me receber. Quando minha paciência se esgotou, forcei a minha entrada na residência que ele se hospedava e fiz com que ele me recebesse. Mandei aquele safado ir para o inferno. Disse que ele poderia fazer o que quisesse com seu dinheiro e deixei claro que usaria toda a minha influência na corte para nenhum dos negócios dele darem certo. Falei para ele não

esquecer que na Inglaterra as coisas ainda funcionavam bem diferente dos Estados Unidos e que apenas dinheiro não seria suficiente para o sucesso. Fui firme e enérgico. Como deveria ter agido desde o começo.

“Mackenzie ficou tão atordoado que nem percebeu a minha saída triunfal. Ele não esperava por aquilo. Mal sabia ele que, por dentro, eu me tremia. O medo desejava me dominar e eu não permitia. Fiz o que deveria fazer. Encontraria outra forma de conseguir dinheiro. A indústria crescia e outros negócios estavam sendo feitos diariamente. Eu sobreviveria e faria isso com a mulher que amava ao meu lado. Já estava embarcando de volta à Londres quando recebi uma carta do americano pedindo um encontro. Fui, e ele me pediu desculpas. Acredito que ele percebeu a verdade nas minhas palavras e não quis perder um negócio certo e lucrativo. Nem pelo tal “amor” à sua filha. Mantive minha expressão aristocrática e aceitei, depois de fingir pensar um pouco. Corri para voltar a Londres e reparar o mal feito a você. Pedir que me perdoasse. Implorar por uma segunda chance. Suplicar para você ser a minha esposa. Mas quando

voltei... Quando retornei... Já foi tarde demais. Em três semanas você já estava casada. Um casamento às pressas. O fim de um sonho. O início de um pesadelo. A minha ruína. Mantive você nos meus pensamentos até a morte me levar num acidente de carruagem, cerca de dois anos depois.”

Capítulo 11

Eu estava em choque. Em pé, parada no mesmo local, só conseguia olhar para Samuel, tentando compreender a história que ele acabara de contar. Samuel chorava como eu nunca vira um homem adulto fazer. Eu sentia a sua dor. Mas a minha... A minha era pungente. Dilacerante. Se o que ele contara tinha sido verdade... Se...

— Não posso acreditar... — murmurei enquanto cobria o rosto com as mãos e soluçava em desespero ao perceber como a vida poderia ser uma vadia sem coração.

Meu corpo todo tremia, pensando no sofrimento vivido por causa de uma confusão, de um desentendimento, de um desencontro.

No momento que acreditei não aguentar mais o peso das minhas pernas, braços protetores me circundaram e trouxeram meu corpo para junto de um peito largo e magro, repleto de calor.

Assim que nossos corpos se encostaram, senti uma onda de conforto que conseguiu refrear um pouco as lágrimas derramadas. O desespero deu lugar a um estranho sentimento de renovação. A vida se renovava ali. Uma segunda chance, uma segunda vida. No meio das lágrimas e tristeza, sorri. As mãos de Samuel alisavam meus cabelos da forma que se fazia com uma criança. Do mesmo jeito, ele repetia as frases “tudo ficará bem”, “vai ficar tudo bem”, “eu te amo, sempre te amei, acredita em mim” “me perdoa, por favor”. O quanto é louco acreditar dessa forma em uma pessoa? Eu acreditava nele.

As palavras da mulher que me dera o cravo branco voltaram à minha mente: “Fica bem, e se dê uma oportunidade para ser feliz”. Ela sabia a verdade. Ela conhecia o lado de Samuel, a verdade de William. Ele errara sim, mas tinha se arrependido e corrido para desfazer seu erro. Infelizmente, a vida, às vezes, não é benévola com quem erra. Ao menos não imediatamente. Meu futuro agora estava, mais do que nunca, em minhas próprias mãos. Eu tinha o poder da decisão. Não deixaria o rancor me devorar. Não permitiria que lembranças desastrosas

pudessem interferir na minha segunda oportunidade. Eu era a dona do meu destino.

— Samuel... — sussurrei ainda aconchegada nos seus braços. Sem esperar resposta, enlacei meus braços, que ainda estavam caídos nas laterais do meu corpo, na sua cintura fina.

Aumentei meu sorriso quando o ouvi inspirar profundamente. Seu abraço não era algo que demandava uma resposta, uma reciprocidade. Era uma atitude humilde, altruísta, consoladora. Então, quando o abracei também, ele deve ter se dado conta da minha decisão. Do meu convencimento.

— O que foi, amor? — ele perguntou. O tom de sua voz demonstrava expectativa, esperança. Seus braços ficaram bem mais firmes ao meu redor. Ele não desejava me soltar e eu não queria ser liberta.

Com certeza da minha decisão, levantei a cabeça e me encontrei com olhos expectantes. Ali eu selaria meu destino.

— Eu acredito em você, Samuel...

— Acredita? — sua pergunta carregava o peso de uma vida... ou de duas.

— Sim. Sinto na minha alma que tudo é verdade. Fomos vítimas de um destino implacável. Apenas vítimas.

— Você me perdoa por ter contribuído para isso. Eu juro, amor, você estará segura comigo. Cuidarei, amarei, serei o que precisa. Eu te amo, Letícia.

Passei a mão direita pelo cabelo de Samuel, afastando-o dos olhos, e deslizei meus dedos por seu rosto barbeado, me encantando com sua pele macia. Ele não era muito mais alto do que eu. Então, sem muito esforço, elevei um pouco o corpo e deixei meus lábios tocarem os dele.

— Eu também te amo — declarei. — Parece brincadeira, mas nos conhecemos a tanto tempo... Que loucura! Parece que estou num conto de fadas. Encontrei meu próprio príncipe. Meu duque.

Samuel não esperou para colar novamente seus lábios nos meus. Dessa vez, um misto de desespero e saudade fazia com que o beijo se tornasse

frenético, urgente. Permiti que sua língua entrasse na minha boca e se encontrasse com a minha, já a espera.

Enquanto o beijo se aprofundava, nossas mãos buscavam a pele um do outro por baixo das roupas desnecessárias. Com o pouco de consciência que me restava, levei Samuel ao meu quarto, sem nunca deixar de tocá-lo. Minha tia dormiria fora, mas eu não queria arriscar o flagrante. Além disso, o nosso reencontro merecia um local adequado. Aquele era um momento de perdão, de recomeços, de vida.

— Não conseguia dormir pensando em você, amor — disse ele. — Desejava teu corpo quente — e tirou a minha blusa, logo desabotoando o sutiã preto que usava por baixo.

Eu ardia diante do olhar luxurioso de Samuel.

— Lindos — declarou, ao observar meus seios. — Eu estava com saudade deles. A lembrança de lambê-los quase me enlouquecia quando eu colocava a cabeça nos travesseiros. Achei que estava perdendo a cabeça, mas é porque... — e

lambeu meus mamilos. Logo sugando cada um deles, enquanto usava as mãos para alisar a auréola daquele que não tinha a atenção da sua boca. — Porque essa sensação é incrível. — E repetiu toda a ação novamente, fazendo com que as minhas pernas fraquejassem, me forçando a deitar na cama.

Ele era o comandante ali e eu não me importava de ser a comandada. Samuel tirou sua roupa, ficando apenas de cueca preta. De onde eu estava, me encantei com a visão do seu corpo firme. Aquela primeira noite em que nos encontramos nunca faria jus ao que estava prestes a acontecer. A partir daquele momento, eu consideraria tudo a minha primeira vez.

— Eu te amo, Samuel. Muito, muito...

— Shhh, amor. Eu também te amo.

Ele beijou docemente todo o meu rosto, descendo pelo pescoço, pelo espaço entre meus seios e atravessando a minha barriga, até chegar no cós da calça. Ajudei-o a tirar a peça de roupa, subindo um pouco o traseiro, e, num piscar de olhos, ela foi

descartada. A calcinha também não demorou muito para seguir o mesmo caminho.

Com um gemido de prazer, senti seus lábios reatar o caminho dos beijos exatamente onde tinha parado. Desceu até chegar no meu ponto mais íntimo. Lambendo e sugando, assim como tinha feito com meus seios. Gritei de prazer quando a insistência da sua língua no meu clitóris, junto aos seus dedos no meu interior, me fez chegar a um orgasmo explosivo.

A única coisa que consegui balbuciar logo após aquela experiência irreal foi:

— Quero você.

Eu o desejava como jamais havia desejado nada nessa vida. Por trás da névoa que ainda dificultava a minha visão, vi seu membro ereto aparecer quando ele baixou sua cueca. Samuel era tudo o que sempre quis.

— Também quero você. Como eu desejo você, amor.

Ele buscou algo nas suas roupas e percebi que na carteira havia uma camisinha. Samuel a colocou com cuidado e, assim que o fez, deitou-se por cima de mim, apoiando o peso do seu corpo com os braços.

— Te amo... Nunca imaginei que pudesse ter tanta sorte nessa vida. Isso o que acontece com a gente é uma benção, amor. É uma benção. Duas vidas. Duas oportunidades. Duas vezes você.

No instante que a emoção começava a me tomar outra vez, Samuel retomou suas carícias e me preparou para recebê-lo. Ao entrar no meu corpo sedento, nos mexemos juntos buscando nosso prazer. Gemidos foram ouvidos. Declarações foram feitas. E o amor foi declarado vencedor. Quando o orgasmo chegou para nós dois ao mesmo tempo, fechei os olhos e agradeci à força superior por nos permitir uma segunda chance para sermos felizes.

— Hoje é o dia mais feliz da minha existência — disse Samuel, que me abraçava sem cessar. Ele não conseguia tirar seus braços de mim, nem eu desejava que ele fizesse isso. Queria ficar daquele

jeito para sempre, mantendo aquele homem maravilhoso ao meu lado.

— O meu também — concordei, dando um beijo no canto de sua boca. Samuel virou rápido para capturar a minha boca e transformar um leve *selinho* em um beijo profundo. Quando nos afastamos, respirávamos acelerado, e logo voltamos a nos tocar de forma mais íntima. A noite seria bem mais longa do que poderia imaginar.

Depois de uma segunda rodada de amor, estávamos exaustos. Então, obriguei as minhas pernas a me obedeceram e fui buscar água para nós dois. No ritmo que estávamos, ficaríamos desidratados. Mas, bem, eram décadas de saudades, já que eu não contava com aquela noite de sexo bêbado.

Bebemos a água e voltamos a nos aconchegar na cama. Samuel sempre perguntava se eu estava bem, se precisava de alguma coisa ou apenas beijava meus cabelos. A sensação de ser cuidada era tão nova para mim que reprimi a vontade de derramar mais lágrimas. Meu relacionamento anterior nunca chegara nem perto do que eu tinha com Samuel.

— E o que faremos agora? — ele perguntou. — Não quero te ter longe nem por um minuto mais.

Pensei na implicação da sua pergunta e me vi o amando com uma força muito maior.

— Estaremos juntos. Não me importo de morar na sua casa ou você morar na minha. Também não me vejo sem você.

— Deixarei você decidir. Onde você for, amor, eu irei. Só é me dizer.

Sorrindo feito uma adolescente, lembrei da minha melhor amiga. O que Catarina diria quando soubesse sobre a loucura que se tornou a minha vida?

— Quando Catarina souber que fisguei o chefe dela... Acho que ela cairá para trás.

Samuel deu uma gargalhada, mas não concordou.

— Eu acho que no fundo ela já sabia. Aquela garota tem uma intuição que nunca vi em ninguém.

— Sim, minha amiga é especial — declarei com convicção e lealdade.

Continuamos abraçados por mais algum tempo até começarmos a cair no sono.

— Obrigado por me perdoar e me amar, minha Letícia.

As palavras foram ditas quase inaudíveis, mas as escutei e fiz questão de responder.

— Obrigada por não desistir e me amar sem restrições, meu Samuel.

Assim, dormimos com o sentimento de que havíamos, enfim, achado o nosso lar nos braços do outro. O amor estava naquele quarto, e também estaria em qualquer lugar que eu e Samuel estivéssemos.

Epílogo

Seis meses depois

Samuel me olhava como se eu fosse seu próprio universo. Eu sorri para ele, demonstrando a felicidade que me inebriava naquele momento. Na minha humilde opinião, eu era a mulher mais feliz do mundo. Não pude resistir de dizer um sonoro "sim" quando ele me pediu em casamento. Nós já morávamos juntos há seis meses (ele percebeu o quanto eu gostava do meu apartamento e decidiu se mudar para lá, o que me fez amá-lo ainda mais), e agora comemorávamos o casamento civil. Eu não queria pompa e circunstância. Também não desejava um enlace na igreja. Então, Samuel me ajudou a organizar uma pequena recepção depois que saíssemos do cartório. Ela estava acontecendo no mesmo local que minha melhor amiga fizera a sua festa de noivado. Estávamos nos jardins da casa de um amigo de Nicolas, rodeados por nossos próprios amigos e alguns poucos parentes. Samuel

com seus pais, já que ele era filho único, e eu com minha tia. Meus pais, mais uma vez, não puderam comparecer a um grande momento da vida de sua filha. Mas isso não me fez ficar triste. Nada que eles pudessem fazer poderia tirar a felicidade que eu sentia.

— Estou tão feliz por você, minha amiga. Quando imaginaríamos que nossos amores seriam de outras vidas?

Observei Catarina com carinho. No dia seguinte que fiz as pazes com Samuel, liguei para ela numa chamada de vídeo e contei tudo. Não podia esperar para dizer toda a verdade. Então, não esperei por um encontro pessoal. Nós acreditamos que foi a melhor opção. Minha melhor amiga nem sequer me repreendeu pelas omissões anteriores. Ela apenas me escutou, chorou junto comigo e se alegrou pela descoberta feita, pelo amor encontrado. Aquela era a minha pessoa, como diria a dra. *Cristina Yang* para dra. *Meredith Grey* na série *Grey's Anatomy*.

Voltando ao presente, respondi com honestidade à pergunta feita:

— Eu nunca imaginaria que isso pudesse acontecer comigo. Já a você, sempre desconfiei daqueles sonhos estranhos com um homem gostoso e sem rosto. Que combinação!

Catarina gargalhou e me abraçou com força.

— Ainda não acredito que você fisgou meu chefe... Por falar nisso, tenho uma teoria.

— Uma teoria?

— Sim! — E diminuindo a voz num tom conspiratório, cochichou: — Acho que o mau humor do senhor Gomes se dava porque ele era muito solitário. Precisava de um grande amor. E ele encontrou você, Lê! Depois que vocês começaram a namorar o homem se tornou outra pessoa! Na agência todos já te adoravam sem ao menos te conhecer.

— Agora eles já me conhecem...

— E, com certeza, gostarão ainda mais de ti. O meu chefe é o homem mais sortudo do mundo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Achei que *eu* fosse o homem mais sortudo do mundo!

Virando ao som da voz conhecida, sorri ao ver a alma gêmea de Catarina. Nicolas Gutemberg era um homem encantador. Como testemunha do meu casamento, junto com Catarina, ele vestia uma calça jeans e uma camisa preta de mangas longas. Nada formal demais. Eu queria algo simples e assim foi feito. Meu próprio vestido tomara que caia *off White*, chegava à altura dos joelhos e não possuía muitos enfeites. Era perfeito para mim.

— Olá, homem sortudo — falei, dando um abraço apertado nele, que não tirava a mão de minha amiga. — Obrigada por nos conseguir a casa do seu amigo.

Ele deu um sorriso deslumbrante e olhou para Catarina com um amor infinito.

— Amigos da minha mulher são meus amigos também. Faço o que estiver ao meu alcance para deixá-la feliz.

Catarina o brindou com um beijo amoroso na

bochecha.

— Obrigada mais uma vez. Se me permitirem vou ao encontro do meu noivo que não vejo já algum tempo.

Minha amiga me abraçou novamente e eu me afastei. Realmente, fazia um tempo que não via Samuel. Caminhei entre os poucos convidados, agradecendo sua presença e os desejos de felicidade, e me dirigi para onde meu coração ordenava. Cheguei a um local cheio de árvores e vi o meu amor sentado em um dos bancos de pedra distribuídos pelo lugar silencioso. A luz do sol ao entardecer reluzia em seus cabelos loiros e fazia-o se assemelhar a um adônis. Eu era uma mulher sortuda!

Assim que o vi, ele pareceu perceber a minha presença, pois virou quase que imediatamente, sorrindo ao me ver.

Andei mais rápido e me sentei ao seu lado. Ele passou um braço sobre os meus ombros, puxou-me para perto e deu um beijo singelo nos meus

cabelos.

— O que você está fazendo sozinho aqui, amor? — questionei. Ele suspirou e virou seu rosto para mim.

— Estou agradecendo — murmurou.

— Pelo quê?

Seus olhos transbordavam de amor quando me fitou intensamente. Observei-o com o coração aos saltos.

— Por você. Por nossa vida. E... e pela nova que está prestes a chegar.

Meu rosto deve ter expressado todo o susto que sentia. Como ele sabia que...

— Eu sonhei com ela hoje. Tão linda, nossa princesa — e colocou uma mão na minha barriga ainda lisa.

As lágrimas apareceram antes que pudesse reprimi-las.

— Eu estava desconfiando. Faria o teste assim que

pudesse — falei, sorrindo imensamente. — Mas acho que agora só nos resta comemorar. Será uma menina mesmo?

— Tão linda quanto você. Obrigado, amor. Obrigado por tudo. Eu te amo.

Beijei meu Samuel intensamente e, em silêncio, também agradeci com todo fervor por toda felicidade que sentia.

— Eu também te amo — declarei. — Te amo para todo o sempre.

E, abraçados na nossa própria bolha de alegria, vimos o sol se pôr e a lua se levantar, sabendo que o futuro nos esperava para vivermos juntos, da forma como nos foi negado na vida anterior. Dessa vez, enfrentaríamos tudo juntos, os bons e os maus momentos, mas faríamos unidos e, sempre, agradecidos pela segunda oportunidade.

Agradecimentos

Ao terminar essa obra curta, também farei um agradecimento restrito. Primeiro quero dar meu muito obrigada às minhas leitoras. Vocês são tão incríveis que é difícil até descrever em palavras. Então, meu sincero agradecimento por darem uma chance ao meu trabalho. Vocês moram no meu coração.

Agora, quero dedicar essas palavras seguintes às minhas amigas e betas maravilhosas. Obrigada Camila Alkimim e Aretha V Guedes por todo o apoio e suporte. Eu não sei o que faria sem vocês me ajudando, puxando a minha orelha (mesmo sem o acesso físico a elas) e me incentivando a sempre continuar. Amigas, meu muito, muito obrigada mesmo! Essa história não teria sido escrita sem vocês.

PERIGOSAS NACIONAIS

Obras da Autora

ENTÃO EU TE VI – Livro 1 da Duologia À Primeira Vista

Ela sonha com um homem que nunca viu, mas sente que o ama como se o conhecesse por toda sua vida. Ele demorou para encontrá-la, porém agora que a viu fará tudo para tê-la ao seu lado. Entre encontros e desencontros, vidas diferentes, perdas e enganos, duas almas gêmeas continuam em busca da felicidade e parecem que estão prestes a conquistá-la. No entanto, apesar de toda a vontade, permanecer com o amor verdadeiro não é tão simples e o livre arbítrio pode ser um aliado ou inimigo.

Os defeitos das pessoas, muitas vezes, superam as qualidades e a felicidade pode atrair a raiva e a inveja. Nesse mundo de incertezas, as almas gêmeas deverão permanecer atentas para superar os obstáculos que tentarão impedir o seu tão aguardado final feliz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

DEPOIS QUE TE VI – Livro 2 da Duologia À Primeira Vista

Enfim Nicolas e Catarina se encontraram na vida atual. O amor sentido por eles é tão forte que o reconhecimento foi imediato, e o desejo aceso explodiu em uma noite de total entrega. Os dois se amam, os dois se completam. No entanto, algumas decisões feitas em um passado recente poderão atrapalhar o futuro do casal.

Enquanto as duas almas tentam entender e superar as dificuldades encontradas, Catarina se vê envolta com as memórias das suas outras vidas. Mais do que o desejo de Nicolas para que ela saiba o mesmo que ele, Catarina compreenderá que as lembranças resgatadas não serão apenas um mero conhecimento, mas sim uma maneira de buscar respostas para os problemas que aparecerão.

Intrigas, mentiras, amor e redenção. A duologia À primeira vista chega ao seu final trazendo um novo emaranhado de emoções para o leitor.

ACASO DESTINADO

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Laura Antunes é uma jovem no último ano do Ensino Médio que sabe exatamente o que quer. Do alto dos seus dezoito anos, ela deseja apenas três coisas:

Continuar estudando muito;

Conseguir manter seus melhores amigos por perto;

E, por fim, se apaixonar pela primeira vez na sua "longa existência".

Quando o jovem policial Gabriel Fernandes recebe a sua primeira oportunidade de investigação fora do prédio da corporação, ele sabe exatamente o que fazer:

Desvendar os mistérios por trás do empresário Luiz Falcão;

Sair definitivamente da área burocrática da polícia;

E, finalmente, não se apaixonar pela garota megera que ele acaba de conhecer.

O amor realmente supera todos os obstáculos… ou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

será que certas mentiras podem destruir o mais forte dos sentimentos?

QUEM SABE AMANHÃ?

Ele quer uma mudança total de vida. Ela apenas deseja que tudo permaneça igual. Ele quer comprar o imóvel ao lado da sua recém-adquirida livraria para ampliá-la. Ela fez de seu lar a sua confeitaria e por nada no mundo venderia o lugar que pertenceu aos seus pais. Ele acredita no amor. Ela não.

Quando uma confeiteira, injustamente (ou não), chamada de mal-educada conhece o novo livreiro (ou será um maldito turista?) da cidade, farpas e faíscas serão lançadas sem piedade. Elisa (acha que) não suporta Otávio. Já ele não consegue ficar muito longe dela.

Em meio à uma floresta que dizem ser encantada, uma história que parece ter saído de um conto de fadas e uma atração capaz de desfazer qualquer promessa feita, juntos eles perceberão que nem sempre aquilo que foi tão bem planejado é o melhor caminho a seguir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Biografia

Manu Sousa, autora de Acaso Destinado e da duologia À primeira vista, é uma cearense casada, que ama os livros desde que seus pais lhe deram de presente uma coleção de contos de fadas, acompanhada por pequenos discos coloridos. Graduada em Letras e em Direito, com especialização em Direito Público, sempre foi uma leitora voraz.

Mesmo realizada na sua vida profissional, apenas se sentiu completa quando finalizou a sua primeira história. Desde então, escreve quase todos os dias, sendo a escrita um trabalho e um hobby, ao mesmo tempo. Ao lançar seu quarto romance pela editora Livros Prontos, assegura que a inspiração sempre a visita, principalmente em horas incômodas, como quando está prestes a adormecer. Adora receber os comentários de seus leitores e se encanta com as amizades que a literatura lhe trouxe. Quem quiser conversar com ela pode procurá-la em suas redes sociais, seus braços sempre estarão abertos.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON